



NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Didática e Metodologia do Ensino Superior

Curso de Pós-Graduação
Coordenação Pedagógica - IBRA

1. Princípios Norteadores da Didática do Ensino Superior, Planejamento e Ensino	5
Plano de Aula: Orientações Gerais	5
Contexto Histórico da Didática	7
Os Papéis do Professor Universitário	11
As Características Psicossociais dos Estudantes	12
O Relacionamento entre Professores e Estudantes	14
Considerações Sobre o Planejamento	16
Níveis de Planejamento	18
Exercícios para fixação	20
Material adicional	22
2. Planos, Objetivos, Conteúdos e Técnicas de Ensino	24
Planos	24
Os Objetivos	31
Os Conteúdos	33
Técnicas de Ensino	35
Atividades com discussões em Sala de Aula	38
Seminário	40
Debate	42
Exercícios para fixação	42
Sinopse	44
3. Aprendizagem Baseada em Problema e a Integração de Atividades Desenvolvidas Fora da Sala de Aula	46
A Aprendizagem Baseada em Problema	46
Embasamento Teórico da Abp (Gil, 2010)	48
Vantagens e Desvantagens da ABP	48
Roteiro para a discussão do Caso:	49
Atividades Desenvolvidas Fora da Sala de Aula	50
Atividades de Leitura	51
Quais leituras devem ser feitas no Ensino Superior?	51
Recomendações	51

Sumário

Trabalhos Escritos	52
Exercícios para fixação	53
4. A Avaliação da Aprendizagem dos Alunos	56
Aspectos da Avaliação	56
Avaliação: aspectos críticos	57
Modalidades de Avaliação em Relação aos Objetivos	57
Tipos de Provas	58
Limitações na utilização das Provas Dissertativas	59
Exercícios para fixação	60
5. Referências Bibliográficas	63
6. Anexo	67
Anexo 1. Guia com o Planejamento de Aulas	67
Anexo 2. Artigo: Técnicas de ensino	71
Anexo 3. Modelo de Plano de Disciplina	79
Anexo 4. Formulário de Plano de Disciplina	82
Anexo 5. Seminário: Roteiro do Trabalho Escrito	83
Anexo 6. Instruções: debates	91

1



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

1. Princípios Norteadores da Didática do Ensino Superior, Planejamento e Ensino



Nesta primeira unidade, serão apresentados os princípios norteadores da Didática, o contexto histórico e os principais teóricos. Também, será apresentada uma reflexão sobre o relacionamento entre professores e estudantes e questões sobre o planejamento de ensino, seus aspectos teóricos e os níveis de planejamento.

Plano de Aula: Orientações Gerais

As disciplinas do ensino superior podem apresentar certas especificidades, em virtude do perfil

dos alunos e das turmas. Neste sentido, como é possível perceber, no início da unidade, foram expostos os objetivos e os conteúdos, os quais são elementos essenciais do plano de aula. Por isso, todo professor deveria ter como guia esses dois itens, para que os alunos percebam que a aula foi planejada e estruturada. Além do que mencionamos, deveríamos também fornecer a bibliografia da disciplina, com vistas a apresentar os itens que consideramos fundamentais em todo planejamento de aula.

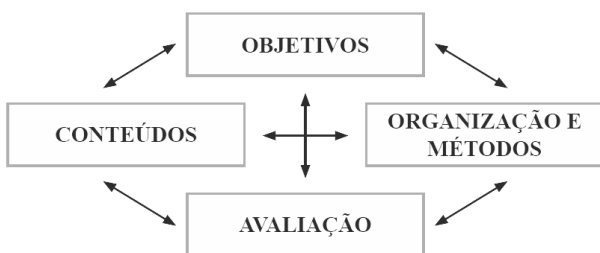
Dica

Lembre-se de que, ao planejar uma aula, os itens fundamentais são:

- Objetivos;
- Conteúdos;
- Bibliografia.

Desta forma, como já apresentamos os objetivos e os conteúdos desta unidade, um dos livros que seguimos como parâmetro para esta disciplina é o do autor Antônio Carlos Gil, *Didática do Ensino Superior*, da editora Atlas, 2010. Então, a partir dos itens mencionados, podemos dizer que a Didática deveria estruturar-se de acordo com o seguinte. Observe a figura:

Figura 1: Elementos essenciais do Plano de Aula



É possível notar na figura que, além dos itens já mencionados – objetivos e conteúdos - estão demonstrados a organização e métodos e a avaliação. Esses itens adicionais também se constituem, elementos fundamentais no planejamento de uma aula, visto

que, a partir do estabelecimento dos objetivos e dos conteúdos, o professor tem que planejar como irá organizar-se e quais métodos serão utilizados na transmissão dos mesmos, para finalmente, constatar na avaliação, como o aluno apreendeu os conteúdos. Lembre-se de, também, considerar:

Dica

- O perfil da turma: faixa etária, características psicossociais, quantidade de alunos em sala etc;
- O tempo disponível para ministrar o conteúdo, ou seja, duração da aula.

Os itens mencionados são essenciais, uma vez que a partir deles temos os direcionamentos para a condução de toda e qualquer disciplina.



Como foi estabelecido, na apresentação dos objetivos desta unidade, o primeiro deles foi: identificar e refletir sobre os princípios norteadores da Didática do

Ensino Superior, itens que vimos anteriormente os aspectos práticos. Na sequência, iremos tratar das questões teóricas da disciplina, por isso vamos refletir sobre a seguinte pergunta:

O Que é Didática?

“Ciência, técnica ou arte de ensinar”.

Fonte: GIL, Antonio Carlos. Didática do Ensino Superior.

São Paulo: Atlas, 2010.

O conceito de Gil (2010) apresenta três perspectivas: o elemento fundador que é a **ciência**, princípio que deveria ser o norteador de todas as disciplinas, a questão da técnica, cujos itens servem-nos como guias para a apresentação dos conteúdos e por fim, a arte, cuja característica pode-se dizer ser um diferencial de cada professor, ao apresentar com criatividade e dinamismo os conteúdos de uma disciplina.

Ainda, podemos complementar o conceito, conforme o dicionário Houaiss (2008): “1) Técnica de ensinar; 2) Parte da Pedagogia que trata das normas científicas da atividade educativa.”

Observe a origem da palavra didática.

A palavra didática vem da expressão grega Τεχνή διδακτική (techné didaktiké), que se pode traduzir como arte ou técnica de ensinar. A didática é a parte da Pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino, destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica. A Didática estuda os diferentes processos de ensino e aprendizagem. O educador Jan Amos Komenský, mais conhecido por Comenius, é reconhecido como o pai da Didática moderna, e um dos maiores educadores do século XVII.

Percebe-se que além da origem da palavra é apresentado um conceito, bem como um dos primeiros teóricos que contribuíram para o estudo da Didática. Dessa forma, será apresentado o segundo objetivo da unidade que é: apresentar o contexto histórico e os principais pensadores da Didática.

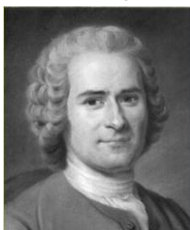
Contexto Histórico da Didática

Para Gil (2010), “até o final do Séc. XIX a Didática encontrou seus fundamentos quase que exclusivamente na Filosofia.” Mas, são pensadores como: Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart que proporcionam o desenvolvimento da Didática, em relação ao momento histórico em que estavam

Didaktiké

inseridos.

Veja as biografias dos autores:

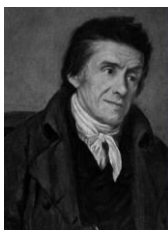


Jean Jacques Rousseau (1712-1778)

Nasceu em Genebra. O autor combateu ideias que prevaleciam há muito tempo. Entre elas, a de que a teoria e a prática educacional, junto à criança, deviam focalizar os interesses do adulto e da vida adulta. Rousseau desmentiu a ideia de que a Educação é um processo pelo qual a criança passa a adquirir conhecimentos, hábitos e atitudes armazenados pela civilização, sem qualquer modificação.

Fonte. <http://contextolivre.blogspot.com/2011/07/internet-as-redes-sociais-rousseau-e.html>.

Texto adaptado de. <http://www.Pedagogiaemfoco.pro.br/per03.htm>.



Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827)

Antecipou concepções do movimento da Escola Nova, que surgiu na virada do século XIX para o XX. O autor afirmava que a função principal do ensino é levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas. Para ele, só o amor tinha força salvadora, capaz de levar o homem à plena realização moral, isto é, encontrar, conscientemente dentro de si, a essência divina que lhe dá liberdade.

Texto adaptado de. <http://ftwdidatica.com>.

blogspot.com/2010/04/grandes-educadores-pestalozzi.html

Fonte. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Johann_Heinrich_Pestalozzi.jpg.



Johann Friedrich Herbart (1777-1841)

Nasceu em Oldenburg, na Alemanha, em 1776, e conheceu alguns dos mais importantes intelectuais de seu tempo. Aos 18 anos, já era aluno do filósofo Johann Fichte. Os estudos mais importantes de Herbart foram no campo da filosofia da mente, à qual subordinou suas obras pedagógicas (entre elas, Pedagogia Geral e Esboço de um Curso de Pedagogia).

Texto adaptado de. <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/jf-herbart-307401.shtml>.

Fonte. http://sv.wikipedia.org/wiki/Fil:Johann_F_Herbart.jpg.



Jan Amos Komenský (1592 - 1670)

Viveu e estudou na Alemanha e na Polônia. Iniciador da Didática moderna. Comenius viveu na Europa Renascentista, entre os séculos XVI e XVII. Ele conseguiu ver na escola o que muitos ainda não viam, ou seja, que essa deve despertar nas pessoas o prazer pelo estudo pelo conhecimento, pela vida.

Fonte. <http://pinininho.blogspot.com/2011/05/da-didatica-magna-de-comenius.html>.

Os autores apresentados foram os pioneiros na área da Didática. Vale mencionar que teríamos muitos outros, porém esses são considerados os principais. Vamos ver a seguir o contexto da disciplina no Brasil.

Os jesuítas, na época da colônia, foram considerados os primeiros educadores no Brasil, cujos ensinamentos eram direcionados para a religião, mais especificamente para o ensino do catecismo, bem como a instrução dos índios. Contudo, para os mais abastados o ensino era diferenciado. Os princípios estavam voltados para a formação do homem universal e cristão e a função principal da Didática centralizava-se no aspecto intelectual.

Figura 2. Quadro representando os jesuítas na catequização dos índios.



Fonte. <http://www.google.com.br/imgres>

O ensino religioso foi retirado das escolas, por volta de 1860, configurando assim a laicidade do Estado. Já, em 1900, a Pedagogia Tradicional constitui-se no foco principal da Educação, não havendo mais a religião envolvida no ensino, a questão central era a visão essencialista, cuja perspectiva era focada na natureza humana racional.

Observe os principais fatos relacionados à história da Didática, após 1900:

- Entre 1930 a 1945 – surge a Escola Nova – na qual tem como foco a criança;
- 1930 – Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação;
- 1931 – Organização do ensino comercial e regime universitário;
- 1937 – Início do Estado Novo e paralisação dos debates educacionais;
- 1939 – A Didática é disciplina

- estabelecida com duração de 1 ano;
- 1941 – A disciplina é considerada um curso independente;
- 1946 – É transferida a responsabilidade da prática de ensino para o estágio supervisionado;
- 1960/1968 – Crise na Escola Nova e tendência tecnicista dos militares;
- 1980 – Surgem os primeiros estudos para empreender alternativas para a Didática, com vistas a rever suas práticas e contradições.

Como percebemos, a história da Didática é apresentada conforme o contexto social e político da época. Não é possível apresentar a Didática dissociada da realidade, visto que essa vai determinar os direcionamentos e as necessidades de cada disciplina. Por isso, Libâneo (2001) afirma o seguinte: “não há técnica pedagógica sem uma concepção de homem e de sociedade, como não há concepção de homem e sociedade, sem uma competência técnica para realizá-la educacionalmente.”

Figura 3. Representação de uma sala de aula do ensino de adultos



Fonte: <http://www.sjp.pr.gov.br/portal/noticia.php?id=126885749657367>

3

A foto dá-nos uma ideia de um contexto social de sala de aula e por isso, o planejamento, elemento principal da Didática, deverá ajustar-se conforme as necessidades de cada turma. Ao tratarmos da Didática de Ensino Superior, seu papel é ainda mais pontual, uma vez que no ensino de adultos:

“A Didática, hoje, precisa comprometer-se com a qualidade cognitiva das aprendizagens e esta, por sua vez, está associada à aprendizagem do pensar. Cabe-lhe investigar como se pode ajudar os alunos a constituírem-se como sujeitos pensantes, capazes de pensar e lidar com os conceitos, argumentar, resolver problemas, para defrontarem-se com dilemas e problemas da vida prática.” (LIBÂNEO apud GIL, 2010).

Após, a exposição dos

objetivos: apresentar as diretrizes da disciplina, conforme seus princípios norteadores, bem como identificar e refletir sobre a Didática do Ensino Superior. De acordo com o contexto histórico trataremos dos seguintes objetivos: identificar os papéis do professor universitário; identificar os estudantes segundo as características psicossociais; apresentar e analisar o relacionamento entre professores e estudantes.

V

Os Papéis do Professor Universitário

As atribuições de um professor no Ensino Superior podem variar dependendo da sua dedicação à área, já que muitos professores, no Brasil, buscam na docência de Ensino Superior, uma complementação de renda para outras atividades que exercem. Todavia, neste nível de ensino: “as ações em sala de aula podem ser expressas pelo verbo ensinar ou por correlatos, como: instruir, orientar, apontar, guiar, dirigir, treinar, formar, amoldar, preparar, doutrinar e instrumentar” (GIL, 2010). Vejamos as reflexões de teóricos da área.

Para Almeri Paulo Finger, a

carreira docente deve ser vista como uma profissão que exige:

- Investir no aperfeiçoamento pessoal;
- Entender que faz parte de uma organização e que seu trabalho não pode ser visto isoladamente;
- Submeter-se a um processo de avaliação permanente;
- Repensar os conteúdos e as metodologias.

Já, Gilberto Teixeira afirma o seguinte

- A habilidade didática e pedagógica esperada do novo professor, já não se resume ao formato expositivo das aulas, assim como a fluência vernácula e aparência externa;
- O docente precisa centrar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com empenho e arte a formação de sujeitos críticos e autocríticos, participantes e construtivos;
- A formação do aluno deve estar voltada para a capacidade de saber pensar, aprender a aprender, reconstruir, dentro de seu contexto, questionamentos pertinentes.

Para Antonio Carlos Gil (2010) há cerca de vinte e sete papéis para o professor universitário,

são eles:

1. Administrador
2. Especialista
3. Aprendiz
4. Membro de equipe
5. Participante
6. Didata
7. Educador
8. Diagnosticador de necessidades
9. Conferencista
10. Modelo Profissional
11. Modelo de Professor
12. Facilitador da aprendizagem
13. Assessor do estudante
14. Mentor
15. Avaliador
16. Assessor de currículo
17. Preparador de material
18. Elaborador de guias de estudo
19. Líder
20. Agente de socialização
21. Instrutor
22. Animador de grupos
23. Pesquisador
24. Pessoa
25. Planejador de disciplina
26. Coach
27. Conselheiro

Notamos que há muitos papéis desempenhados pelo docente e que todos eles manifestam-se nas diferentes práticas do cotidiano escolar. Contudo, o papel que consideramos mais fundamental para a profissão é o de pesquisador, visto que se o docente não desenvolver pesquisas e não se atualizar, conseqüentemente não terá preparo e todos os outros

papéis podem ser comprometidos.

Como vimos, o papel do docente universitário deve ser repensado, em virtude dos aspectos apontados. Dessa forma, o objetivo deste item foi: identificar os papéis do professor universitário, uma vez que a responsabilidade do docente de Ensino Superior, na formação dos estudantes, é determinante e diferenciada, já que ele pode ser considerado um modelo de profissional para seus alunos. Nesse sentido, faz-se necessário, no item seguinte, mencionar as características dos estudantes.

As Características Psicossociais dos Estudantes

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson prediz que o crescimento psicológico ocorre através de estágios e fases, não ocorre ao acaso e depende da interação da pessoa com o meio que a rodeia. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa. As duas vertentes são necessárias, mas é essencial que se sobreponha à positiva.

O estudante de Ensino Superior apresenta distinções, em virtude de características que são peculiares deste nível. Essas variam desde: idade, profissão, afinidade com a área de estudos,

predisposição para pesquisa, tempo em que estiveram distantes da vida acadêmica etc, ou seja, em virtude também das suas características psicossociais.

A este respeito, em 1970, o teórico Mann e sua equipe desenvolveram uma pesquisa em que foram apresentadas as características dos alunos, de acordo com o ponto de vista emocional. Observe na sequência:

- Complacentes - 10%;
- Ansiosos-dependentes - 26%;
- Trabalhadores desanimados - 4%;
- Estudantes independentes - 10%;
- Heróis - 10%;
- Franco-atiradores - 9%;
- Estudantes que procuram atenção - 11%;
- Silenciosos - 20% (GIL, 2010).

Cada tipologia foi elaborada com base em um contexto cultural. Neste sentido, a partir da década de 1960, tanto nos EUA quanto na Europa foram realizadas pesquisas empíricas para estabelecer as tipologias. Identificar os estudantes é útil para os professores, mas com reservas (GIL, 2010, p. 43), uma vez que não faz sentido rotular os alunos.

Em 1993 foi elaborada por Astin, outra classificação de estudantes norte-americanos (GIL,

2010), os quais foram identificados da seguinte forma:

1. Sábios;
2. Ativistas sociais;
3. Artistas;
4. Hedonistas;
5. Líderes;
6. Direcionados para o status;
7. Descomprometidos.

Um terceiro estudo foi realizado por Kuh, Hu e Vesper, em 2000, que caracterizou os estudantes desta maneira:

1. Desengajados;
2. Recreadores;
3. Socializadores;
4. Acadêmicos;
5. Cientistas;
6. Individualistas;
7. Artistas;
8. Esforçados;
9. Intelectuais;
10. Convencionais.

Como se observa, os três estudos apresentam classificações de uma maneira ampla. A intenção foi apresentá-los para que o docente tenha uma noção de como os estudantes podem ser observados, porém como mencionado, sem rotulá-los. Desse modo, o objetivo central deste item foi identificar os estudantes segundo as características psicossociais, para que possamos trabalhar com o objetivo seguinte, que é: apresentar e analisar o relacionamento entre

professores e estudantes.

O Relacionamento entre Professores e Estudantes

Em todas as áreas profissionais, o relacionamento interpessoal pode ser considerado um dos fatores decisivos e fundamentais na administração de uma carreira, uma vez que a maneira como nos relacionamos com as pessoas pode determinar nossa aceitação em um grupo.

Na área docente, este fator é ainda mais determinante porque não estamos tratando de uma relação entre: um diretor e seus assistentes, um coordenador ou um gerente e seus subordinados. A relação entre docentes e alunos, também apresenta sua ligação hierárquica e o respeito deve configurar-se no pilar essencial, mas o professor representa, como vimos no item 1.3, vários papéis para seus alunos. Por isso, faz-se necessário tratar dos aspectos teóricos do relacionamento interpessoal na esfera docente-discente.

“Os professores não programam o relacionamento com os estudantes como programam outras atividades docentes. Mas, à medida que consideram a sala de aula como lugar de

relacionamento, passam a vislumbrar um horizonte mais amplo de possibilidades, inclusive, didáticas. O modo como se efetiva a relação com os estudantes influencia não apenas o aprendizado dos conteúdos que são ministrados, mas também a satisfação pessoal e profissional do professor. Tratar da relação professor-aluno em sala de aula significa tratar de todo o processo ensino-aprendizagem.” (GIL, 2010, p. 58)

Nota-se que o autor considera o relacionamento entre docente-discente como algo que constitui a base da relação e que vai influenciar em todo o processo. Também, para Rogers apud Gil (2010): “a facilitação da aprendizagem significativa repousa em certas qualidades de atitude que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o estudante.” Um dos aspectos essenciais para Rogers constitui-se na autenticidade do docente em realizar sua atividade.

Do ponto de vista psicanalítico:

“A ênfase colocada por Freud no estudo da relação professor-estudante não está no valor dos conteúdos cognitivos que transitam entre essas duas pessoas, ou seja, na informação que é transmitida de um para o outro, mas nas relações afetivas entre professores e estudantes.” (GIL, 2010, p. 61)

Na perspectiva construtivista o enfoque está no:

“(...) aprender a aprender, o que significa que o processo de aquisição é considerado mais importante do que o conteúdo em si. Dessa forma, os conteúdos devem ser estabelecidos levando-se em conta as experiências vivenciadas pelo próprio estudante. Os métodos, por sua vez, devem ser selecionados preferencialmente dentre aqueles que possibilitem aprender fazendo. Nesse contexto, o professor não assume um lugar de destaque, já que o estudante é centro da aprendizagem (...)” (GIL, 2010, p. 63)

As perspectivas teóricas apresentadas demonstram que dependendo do foco do estudo, há uma visão bem diferenciada sobre a relação professor e o aluno. É nesse sentido que GIL (2010) expõe seis itens dos “momentos significativos no relacionamento com os estudantes”, são eles:

- **Mantendo o primeiro contato com a classe:** Sabemos que o primeiro dia de aula pode ser marcante porque é neste contato que as “regras do jogo” são estabelecidas e os “acordos” são firmados. Também, neste dia é interessante que o docente promova uma

interação, no sentido de conhecer o perfil da turma para que crie vínculos harmoniosos nesta relação.

- **Conhecendo os estudantes pelo nome:** Esta não é uma tarefa muito fácil para alguns docentes, em virtude muitas vezes, do elevado número de alunos que compõem as turmas. Contudo, faz-se necessário que o docente promova atividades - jogos, redação, trabalho em duplas etc – cujo objetivo seja identificar os estudantes pelo nome.

Gil (2010) comenta que esta atividade pode demorar, mas que: “aprender o nome dos estudantes é uma das coisas mais importantes que o professor universitário pode fazer para transmitir aos alunos, o quanto os valoriza como pessoas.”

Dica

Particularmente tenho duas “técnicas” para memorizar o nome dos alunos:

- 1º. Desde o primeiro dia de aula, cada vez que um aluno fala, procuro perguntar seu nome. Após o término da aula, ao relembrar das falas dos alunos, procuro associar o que o aluno falou com a imagem dele. Tento memorizar de 3 a 5 nomes por aula.

2°. Outra forma que utilizo é pedir para que eles escrevam um parágrafo no primeiro dia de aula mencionando porque escolheram aquele curso. Ao devolver os textos corrigidos, faço a chamada nominal e, ao entregar, memorizo o nome do aluno com sua imagem.

Obs.: as “técnicas” podem parecer difíceis, mas quando tratamos nossos alunos pelos nomes, com certeza sentem-se muito mais valorizados.

- Dando e recebendo feedback;
- Formulando perguntas;
- Respondendo perguntas;
- Abrindo-se para os estudantes.

Os quatro últimos itens podem ser vistos juntamente, uma vez que ao dar e fornecer feedback, o professor pode formular e responder perguntas e consequentemente, promover uma interação mais aproximada com os alunos. Para finalizar este item, mencionamos ainda o fato de o docente poder contar com o uso das ferramentas da tecnologia, para manter contatos com os alunos. Nesse sentido, fica como sugestão, a criação de fóruns de discussão e blogs, troca de e-mails etc, para que possa haver uma interação maior entre professores e alunos.

Considerações Sobre o Planejamento

Qualquer que seja nossa atividade diária devemos ter um planejamento. Mesmo que seja um dia em que desejamos ficar em casa assistindo TV ou lendo um livro, precisamos pensar no que vamos comer, qual programa da TV escolher ou um livro para ler, ou seja, precisamos ter um planejamento mínimo, mesmo que não tenhamos de seguir um cronograma rígido para tal. Nesta unidade, trataremos do planejamento de ensino e todos os níveis que envolvem esta importante etapa da docência. Por isso, vamos, em primeiro lugar, reconhecer o conceito de planejamento de ensino.

Segundo Gilberto Teixeira, o planejamento de ensino deve estar “alicerçado nas linhas- -mestras de ação da escola, isto é, no planejamento curricular. É a tradução, em termos mais próximos e concretos, da ação que ficou configurada no âmbito educacional.” Nesta mesma linha de pensamento, Morin (1996) afirma o seguinte: “o planejamento deve ser visto como “estratégia”, uma espécie de guia de ação.” Para Paulo Ricardo da Silva Rosa: “planejar é

estabelecer as etapas pelas quais um objetivo pode ser atingido, a partir de uma situação inicial dada, com os meios de que dispomos (de fato ou potencialmente).”

Nota-se que os teóricos tomam por base o conceito de planejamento de ensino, conforme o planejamento curricular. Além disso, a definição é apresentada de acordo com a forma mais abrangente de planejamento, cujo direcionamento volta-se para “estratégia”, bem como pode ser visto como o estabelecimento de etapas. Rosa (2010) sugere que façamos as seguintes perguntas ao planejarmos:

1. Quais os equipamentos e materiais que teremos a nossa disposição?
2. Há disponibilidade de fundos para adquirir-se outros?
3. Qual a formação dos professores?
4. Qual a bagagem de conhecimentos dos alunos?
5. Qual a expectativa que os alunos trazem para o curso?
6. Qual a expectativa da comunidade escolar?

Segundo Carvalho apud Gil (2010): “o planejamento envolve quatro elementos necessários para a sua compreensão: **Processo; Eficiência; Prazos; e Metas.**”

Na unidade 1, apresentamos os elementos essenciais do plano de

aula (Figura 1) que são: **objetivos, conteúdos, organização, métodos e a avaliação.** Se estabelecermos uma relação com os elementos do planejamento: **processo, eficiência, prazos e metas**, será possível dizer que para executarmos um **processo** com **eficiência** precisamos pontuar os **conteúdos**, bem como estabelecer os objetivos e os métodos utilizados. Nesse sentido, para chegar-se ao cumprimento das **metas**, faz-se necessário estabelecer uma **avaliação.** Por isso, “o planejamento educacional pode ser definido como o **processo** sistematizado mediante o qual se pode conferir maior **eficiência** às atividades educacionais para, em determinado **prazo**, alcançar as **metas** estabelecidas.” (GIL, 2010) Além dos elementos mencionados é importante estabelecer o seguinte:

“Diagnóstico: é necessário sondar o que os estudantes conhecem a respeito do que vai ser ministrado, qual o seu interesse nesse aprendizado e qual a real necessidade desse conhecimento.” (GIL, 2010, p. 95)

Após o diagnóstico (*Veja no Anexo 1 - 2ª etapa - Avaliação Diagnóstica – Roteiro de Perguntas e 2ª etapa - Avaliação Diagnóstica – Produção Textual*), procede-se a

etapa do planejamento, mas será com base na realidade do aluno que os objetivos, conteúdos e as estratégias serão estabelecidos.

“Execução: de posse do plano, que constitui o documento que consolida as ações planejadas, o professor executa as atividades necessárias para o alcance dos objetivos pretendidos. Nessa etapa do processo é que se desenvolvem as ações didáticas, tais como a exposição, a orientação de leituras e a condução dos grupos de estudo.” (GIL, 2010, p. 95)

Após aplicação do diagnóstico (Veja no Anexo 1 - 2ª etapa - Avaliação Diagnóstica – Roteiro de Perguntas e 2ª etapa - Avaliação Diagnóstica – Produção Textual), da elaboração e da execução do planejamento, temos a última etapa que é a avaliação, a qual não deve ser necessariamente na finalização das atividades, uma vez que sua aplicação pode ser feita com o decorrer das aulas. Dessa forma, temos três tipos de avaliação:

- **Avaliação diagnóstica:** no início do processo de aprendizagem com vistas a identificar os conhecimentos e as habilidades dos estudantes.
- **Avaliação formativa:** realiza-se ao longo do processo e fornece os dados necessários para aperfeiçoar o processo ensino-

aprendizagem.

- **Avaliação somativa:** classifica os resultados de aprendizagem de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos, proporcionando ao final da unidade ou do curso a verificação do alcance dos objetivos preestabelecidos. (GIL, 2010, p. 96)

Nota-se que diferente do que estamos habituados, que a avaliação acontece somente no final de um semestre ou ano letivo, a avaliação pode ser implantada no decorrer de todo o processo ensino-aprendizagem.

Assim, apresentamos neste item, o planejamento de ensino com seus elementos fundamentais para que seja possível, na sequência, tratar do segundo objetivo desta unidade que é identificar os níveis de planejamento.

Níveis de Planejamento



A maioria dos autores que tratam do planejamento escolar

apresentam quatro níveis distintos: o educacional, o institucional, o curricular e o de ensino.

Planejamento Educacional

- Considerado o mais abrangente;
- Situa-se na esfera do Ministério da Educação e órgãos estaduais e municipais voltados para a Educação;
- A meta é estabelecer os objetivos bem como a forma para atingi-los, num contexto mais amplo da Educação;
- Nesta esfera são delineadas as bases filosóficas que irão fornecer os subsídios para os planos, programas e projetos, ou seja, os documentos norteadores da Educação. (GIL, 2010)

Planejamento Institucional

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/94 (), art. 12, Inciso I, enuncia o seguinte: “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, têm a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica” (GIL, 2010, p. 97);

- Situa-se nas IES (Instituições de Ensino Superior);
- O Ministério da Educação exige que os IES, a cada cinco

anos elaborem o PDI (Plano de Desenvolvimento Pedagógico), cujos elementos constitutivos apresentam: “(...) sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas (...)” (GIL, 2010, p. 97).

Planejamento Curricular

- Deve estar de acordo com o planejamento institucional;
- Estrutura-se a partir do conjunto de ações que precisam ser desenvolvidas em cada curso;
- Consiste na previsão das atividades que os estudantes realizam, conforme direcionado pelo IES para atingir os fins pretendidos. (GIL, 2010)

Planejamento do Ensino

Está sob responsabilidade, principalmente, dos professores; Tem como pressuposto o planejamento curricular. (GIL, 2010)

“O professor universitário, ao assumir uma disciplina, precisa tomar uma série de decisões. Precisa, por exemplo, decidir acerca dos objetivos a serem alcançados pelos alunos, do conteúdo programático

adequado para o alcance desses objetivos, das estratégias e dos recursos que vai adotar para facilitar a aprendizagem, dos critérios de avaliação etc.” (GIL, 2010, p. 99)

Em resumo, o professor deverá:

- Realizar o diagnóstico;
- Definir os objetivos;
- Determinar o conteúdo programático;
- Selecionar as estratégias;
- Definir os procedimentos para avaliação. (GIL, 2010).

Os níveis de planejamento apresentados, anteriormente, estão delineados de uma maneira abrangente. É necessário ressaltar que é parte do trabalho docente, em primeiro lugar, ao ter contato com uma instituição de ensino superior, estar ciente do planejamento pedagógico da instituição, para então partir para o planejamento de ensino, que envolve o plano da disciplina e o plano de aula, temas da próxima unidade.

Exercícios para fixação

1. Cite os três elementos essenciais do Plano de Aula.

2. Dentre os vários papéis que o professor universitário desempenha, um é considerado. Cite e explique qual é esse papel.

3. Qual foi a Escola considerada a mais transformadora e que apresentou inovações no contexto histórico da Didática, no Brasil?

4. Qual foi a principal contribuição de Rousseau para a Didática?

5. Sabemos que o docente universitário, em muitos casos, não desempenha somente essa função, por isso, pode-se dizer que a tecnologia é uma aliada do docente. Explique de que forma (s) o docente pode-se beneficiar do uso da tecnologia para melhorar o relacionamento docente-aluno.

6. No início da unidade foram apresentados 3 conceitos sobre o planejamento. Reflita sobre o que foi exposto e apresente uma síntese dos 3 conceitos.

7. Qual o papel do diagnóstico na execução de um planejamento disciplinar?

8. Cite os três tipos de avaliação.

9. Em qual nível de planejamento escolar são elaborados os programas e projetos, ou seja, os documentos norteadores da Educação?

10. Quais são as decisões que o professor universitário deve tomar ao assumir uma disciplina?

Material adicional

Filme: O Sorriso de Monalisa

Sinopse

Katharine Watson (Julia Roberts) é uma recém-graduada professora, que consegue emprego no conceituado colégio Wellesley, para lecionar aulas de História da Arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, Katharine decide lutar contra estas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida.

Fonte:

<http://www.adorocinema.com/filmes/sorriso-de-mona-lisa/>

Artigo: Planejando o Ensino

- http://www.dfi.ccet.ufms.br/prrosa/Pedagogia/Capitulo_6.pdf



2



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

2. Planos, Objetivos, Conteúdos e Técnicas de Ensino



Nesta unidade, serão apresentadas questões sobre o planejamento de ensino, seus aspectos teóricos, níveis de planejamento e questões sobre as técnicas de ensino: aulas expositivas, discussões em sala de aula - *brainstorming*, seminários e debates.

Planos

A maioria dos autores que tratam da elaboração de planos, seja de disciplina, de unidade ou de aula, enfatiza que os professores

deveriam iniciar pelos objetivos, por isso, como foi mencionado na unidade anterior, sobre o planejamento nos diferentes níveis, planejar deveria fazer parte das nossas ações, principalmente nas nossas atividades profissionais. Em se tratando da docência, este item, então, dever ser de extrema relevância, em virtude dos elementos que envolvem o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, vamos tratar do plano de disciplina.

Plano de Disciplina

De maneira abrangente, o plano de disciplina significa uma previsão de atividades, assim como um instrumento com vistas a pontuar a relação interdisciplinar e também um roteiro apontando para os direcionamentos das disciplinas. (GIL, 2010)

Ao elaborar o plano de disciplina o professor deveria evidenciar:

- A duração;
- Os objetivos;
- O conteúdo programático;
- Os recursos didáticos;
- As estratégias de ensino;
- Os procedimentos de avaliação.

Lembre-se de que o plano “é apenas um roteiro abreviado e esquemático e seu principal valor está principalmente no caráter pessoal de quem o executa” (GIL, 2010, p. 101). Dessa forma, deve ser revisado pela equipe da escola: coordenadores de curso, professores que ministram a mesma disciplina e assistentes para que seja possível estabelecer vínculos entre a equipe de trabalho.

Analise um exemplo de um plano de disciplina a seguir (Observe com maiores detalhes um modelo completo de Plano de Disciplina no Anexo 3.):

Plano de Disciplina

Disciplina	Código e nome da disciplina.
Curso	Curso ao qual está associada à disciplina.
Professor Responsável	Nome(s) do(s) professor(es) responsável(eis) e, opcionalmente, o contato (sala na UnB, e-mail etc).
Semestre	
Pré-Requisitos	
Horário de aulas	
Local	
Atendimento aos alunos	Explicitar o horário e local para atendimento a alunos tanto dos professores como de monitores (quando houver). Os objetivos da disciplina devem observar a ementa cadastrada da disciplina disponível nas secretarias dos departamentos.
Objetivos da Disciplina	
Metodologia de Ensino	Explicitar como será desenvolvida a disciplina (aulas teóricas, aulas práticas, visitas, trabalhos de campo, palestras,

Programa	<p>estudo dirigido etc).</p> <p>Explicitar os tópicos que serão abordados na disciplina, observando o conteúdo da ementa cadastrada da disciplina, preferencialment e numerando ou dividindo em capítulos para que possa ser referenciado explicitamente no calendário (cronograma) de atividades.</p>	<p>Bibliografia Recomendada</p>	<p>Item a ser desenvolvido a critério de cada docente em função das características específicas de sua disciplina</p>
Critério de Avaliação	<p>Explicitar todos os instrumentos de avaliação que serão utilizados (ex.: 02 provas, 01 projeto, 01 Seminário, 03 relatórios), o peso de cada instrumento na composição final da nota ou menção a ser atribuída e os critérios de aprovação.</p>	<p>Informações Adicionais</p>	<p>* Veja formulário de Plano Disciplinar no Anexo 4</p>
Calendário de Atividades	<p>Apresentar o cronograma de desenvolvimento do curso, referenciando-se aos itens explicitados no programa</p>	<p>Fonte. vsites.unb.br/ft/ft/conteudo/Plano Disciplina_Modelo.doc.</p>	<p>Cidade, data da entrega do programa</p>
			<p>Nome e assinatura do professor</p>
			<p>Nota-se que o plano de disciplina deverá apresentar uma ideia geral do que o professor irá desenvolver no semestre ou ano letivo. Vamos rever as particularidades em relação à identificação. Os outros itens já apresentam uma explicação do que deve ser inserido no próprio exemplo de plano.</p>
			<p>Identificação</p>
			<p>Existem alguns modelos de planos de disciplinas, os quais em sua maioria apresentam os seguintes itens no cabeçalho de identificação. Esses elementos são considerados essenciais, observe:</p>

- Identificação da IES;
- Curso;
- Disciplina (Código e nome);
- Nome do professor.

No exemplo anterior nota-se que além dos itens mencionados, ainda são apresentados, os pré-requisitos, que se constituem nos elementos necessários, adquiridos anteriormente, para cumprir a disciplina. Também é apresentado o horário de aulas, item importante porque explicita, para o corpo discente interessado, em uma disciplina específica, o período em que será realizada a aula. Outro

item é o local que também se faz necessário especificar para que o discente ao escolher a disciplina saiba onde a aula vai ser ministrada.

Após termos visto, os principais itens do plano de disciplina, vamos identificar, os itens centrais do plano de unidade, que poderíamos associar à montagem de algumas peças de um quebra-cabeças.

Plano de Unidade

Modelo de Plano de Unidade (GIL, 2010, p. 106)

PLANO DE UNIDADE

Escola:

Séries:

Professores:

Curso:

Turma:

Ano/Semestre:

Disciplina:

Unidade

Carga Horaria

Objetivos	Cronograma	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
-----------	------------	-----------	-------------	----------	-----------

É um documento mais detalhado que o plano de disciplina (GIL, 2010). Os planos de unidade:

- Devem ser elaborados de acordo com os objetivos;
- Não devem ser muito extensos;
- Devem estar relacionados entre si;
- Não devem ter uma duração muito longa.

Veja um exemplo na sequência (Veja no Anexo 1 - 3ª etapa – Formulário de Plano de Unidade):

É possível observar que os itens presentes no plano de unidade são praticamente os mesmos que os elementos do plano disciplinar, contudo, o plano de unidade deve apresentar, em detalhes, os objetivos, o cronograma, os conteúdos, as estratégias, os recursos e a avaliação em relação ao tema central de cada unidade. Dentro de cada unidade do plano, também temos o plano de aula, tema do próximo item.

Plano de Aula

Os planos anteriores, de disciplina e de unidade, deveriam seguir as diretrizes do planejamento pedagógico. Já, os planos de aula apresentam a

personalização do docente. Conforme GIL (2010):

“O que distingue o plano de aula do plano de unidade é que este é bem restrito. De modo geral, limita-se à previsão do desenvolvimento a ser dado ao conteúdo da matéria e às atividades de ensino-aprendizagem propostas de acordo com os objetivos no âmbito de cada aula.” (GIL, 2010, p. 106)

Consideramos que a estrutura de um plano de aula deve apresentar os seguintes itens essenciais:

- **Tema:** deve ser estabelecido conforme as diretrizes do plano de unidade;
- **Objetivos:** são fixados a partir do tema, com vistas estabelecer as competências que serão desenvolvidas nos alunos;
- **Bibliografia:** fazer o levantamento das referências utilizadas, livros, artigos, sites etc.
- **Método:** é a maneira como as atividades são organizadas, é o caminho a seguir para alcançar determinado objetivo;
- **Técnica:** representa “como” fazer, ou seja, é operacionalização do método.

Observe um exemplo de um plano de aula (Veja no Anexo 1 - 4ª

etapa – Formulário de Plano de Aula):

**CURSO DE DIREITO –
DISCIPLINA: LINGUAGEM
JURÍDICA**

PLANO DE AULA (1º ano – 2º semestre)

Objetivos da aula: (escrever no quadro)

- **Refletir e discutir** a respeito do texto narrativo (*Tópico 2 do conteúdo programático*);
- **Produzir** textos narrativos;
- a. **BRAINSTORMING** - Como contamos uma história (narração)
 - Escrever as várias sugestões (ideias) no quadro;
 - Expor em slide (POWERPOINT) – História do índio;
 - Alunos deverão produzir um texto sobre a história; Alguns alunos fazem a leitura e a correção é feita em sala.
- b. Expor conteúdo sobre **NARRAÇÃO**
 - Relembrar: 3 tipos de redação (descrição, narração e dissertação)
- c. **Apresentar o filme:** O detetive: cena do crime aos 5min30seg.
 - **Explorar** os elementos

presentes na cena do crime.

d. Expor o conceito de Narração:

- É a modalidade de redação na qual contamos um ou mais fatos que ocorreram em determinado tempo e lugar, envolvendo certas personagens.
- Tem por objetivo contar uma história real, fictícia ou mesclando dados reais e imaginários. Baseia-se numa evolução de acontecimentos, mesmo que não mantenham relação de linearidade com o tempo real. Sendo assim, está pautada em verbos de ação e conectores temporais.
- A narrativa pode estar em 1ª ou 3ª pessoa, dependendo do papel que o narrador assuma em relação à história. Numa narrativa em 1ª pessoa, o narrador participa ativamente dos fatos narrados, mesmo que não seja a personagem principal (narrador = personagem). Já a narrativa em 3ª pessoa traz o narrador como um observador dos fatos que pode até mesmo apresentar pensamentos de personagens do texto (narrador = observador).
- Elementos da narração: o fato; o episódio ou incidente (o quê); a personagem ou personagens envolvidos nele (quem?); p. 123 (Livro: Técnicas de Expressão Escrita).

- Podemos responder as seguintes perguntas: (nem todas precisam ser respondidas)
Como? Modo como se desenvolvem os fatos;
Onde? Local ou locais de ocorrência;
Quanto? Causa ou motivo do acontecimento;
Por isso? Consequência ou resultado.
- **Espécies:** a) histórias do gênero humano; b) biografias e autobiografias; c) contos, novelas, romances, anedotas; d) entrevistas e reportagens; p. 124.
- **Estrutura:** exposição; complicação; clímax; desfecho.

Exemplo de um texto narrativo

Numa noite chuvosa do mês de agosto, Paulo e o irmão caminhavam pela rua maliluminada que conduzia à sua residência. Subitamente, foram abordados por um homem estranho. Pararam, atemorizados, e tentaram saber o que o homem queria, receosos de que se tratasse de um assalto. Era, entretanto, somente um bêbado que tentava encontrar, com dificuldade, o caminho de sua casa.

e. Trabalhos individuais

- Produzir um texto narrativo/descritivo expondo a cena de um crime.

- REVER a cena do filme: O detetive: tempo: 5:30

f. Próxima aula

- Narrativa
- Texto: Lygia Fagundes Telles
- Produzir histórias sobre os quadrinhos
- Filme: O advogado do diabo
- (O posicionamento do advogado enquanto “intermediador” de uma narrativa)

g. BIBLIOGRAFIA

DAMIÃO, Regina Toledo. Curso de português jurídico. São Paulo: Atlas, 2004.

BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação Escrita. 22 ed. - São Paulo: Ática, 2006.

No exemplo de plano de aula apresentamos o tema: texto narrativo, cujos objetivos estão destacados com os verbos no infinitivo: refletir, discutir, expor, produzir etc. Os métodos e as técnicas estão distribuídos ao longo do plano de aula. Chamamos atenção para a primeira parte da aula em que utilizados o *brainstorming*. Observe o conceito:

“O conceito de brainstorming foi criado por Alex Osborn nos anos 30, na área da publicidade. Um brainstorming é uma reunião

destinada a incentivar a total libertação da atividade mental, sem restrições. Embora se possam fazer brainstormings individuais, o resultado é normalmente mais fraco, visto que um indivíduo por si só facilmente se limita. Esta técnica funciona tão bem porque, entre outros motivos, 'ideias puxam ideias'. As ideias dos outros são por vezes pontos de partida para as nossas melhores ideias.”

Chamamos atenção para o fato de que o conceito está direcionado para uma área específica. Contudo, como foi exposto no plano de aula, utilizamos a técnica para uma das etapas da aula com vistas a introduzir o tema, sem que fosse necessário expor diretamente o conceito. Note no plano que foram utilizadas atividades como: apresentação de um desenho em PowerPoint, exposição de trechos de filmes e produção textual.

Foram apresentados, os três planos: de ensino, de conteúdo e de aula para que o docente tenha um parâmetro de como deve ser feito o planejamento, e que esse faça parte das suas atividades de preparação da aula. Como é possível perceber, desde a unidade 1, iniciamos a exposição do conteúdo, e, em primeiro lugar, já apresentamos os objetivos, em virtude da importância destes itens no andamento da aula. Nesse sentido,

na segunda parte desta unidade, trataremos dos outros objetivos que são: definir os objetivos e elaborar os conteúdos.

Os Objetivos

Um dos itens considerados essenciais no planejamento de ensino é o estabelecimento dos objetivos. Dessa forma, Piletti (1993) afirma que “se o professor não define os objetivos, não pode avaliar de maneira objetiva o resultado de sua atividade de ensino e não tem condições de escolher os procedimentos de ensino mais adequados.”

Também para GIL: “o estabelecimento de objetivos serve para orientar o professor quanto à seleção do conteúdo, à escolha de estratégias de ensino e à elaboração de instrumentos para avaliação de desempenho do estudante e de seu próprio.”

Os objetivos podem ser gerais, aqueles que têm uma relação com o planejamento educacional, situam-se no seu contexto amplo, ou específicos. Esses estão dirigidos para ações mais pontuais e estão relacionados com o plano de aula docente.

Dica

É necessário ressaltar que ao elaborarmos os objetivos devemos sempre iniciar com verbos no infinitivo. Vamos apresentar uma tabela com alguns exemplos, observe:

Tabela 2: Objetivos: verbos (PILETTI, 1993, p. 84)

Verbos que permitem muitas interpretações	Verbos que admitem poucas interpretações
○ Compreender	○ Identificar
○ Saber	○ Diferenciar
○ Entender	○ Escrever
○ Desenvolver	○ Resolver
○ Aprender	○ Enumerar
○ Melhorar	○ Comparar
○ Aperfeiçoar	○ Contrastar
○ Julgar	○ Justificar
○ Conhecer	○ Escolher
○ Adquirir	○ Criticar
○ Familiarizar-se	○ Verbalizar
	○ Distinguir
	○ Construir
	○ Selecionar
	○ Localizar

Com base no plano de aula apresentado no item anterior, elabore um objetivo geral e dois específicos, para que seja possível começar a construir seu próprio plano de aula.

Confira algumas disciplinas e seus objetivos gerais:

Disciplina	Objetivo Geral
Introdução à Filosofia	Examinar a pergunta o que é Filosofia? Visando despertar os alunos para a reflexão filosófica e fornecer meios teóricos e práticos introdutórios à sua atividade. Permitir uma visão global das questões que envolvem o gerenciamento da informação e do conhecimento nas organizações do conhecimento a partir de concepções teóricas e práticas contemporâneas. Caracterizar as diferenças entre Ética, Moral e o Direito.
Gestão da Informação e do Conhecimento	Introduzir os alunos aos principais sistemas operacionais e aplicativos computacionais usados no meio científico-acadêmico, bem como fornece conceitos básicos no desenvolvimento de programas.
Bioética	
Informática básica	

Nos exemplos apresentados, observa-se que o professor deve iniciar por objetivos genéricos,

abrangentes. Com base nos objetivos, o professor deve listar os conteúdos de seu programa.

Interessante observar o artigo: Objetivos Educacionais: objetivos operacionais e eficiência da aprendizagem.

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6109/objetivos-educacionais-objetivos-operacionais-e-eficiencia-da-aprendizagem>

Em resumo, os objetivos devem (GIL, 2010, p. 117-118):

- Orientar-se para os estudantes;
- Fornecer uma descrição dos resultados de aprendizagem;
- Ser claros e precisos;
- Ser facilmente compreendidos;
- Ser relevantes;
- Ser realizáveis.

Para Silva e Silvestre (2011), quanto aos objetivos:

- é o que se espera que a turma aprenda em determinadas condições de ensino.
- orientam quais conteúdos devem ser trabalhados e quais encaminhamentos didáticos são necessários para que isso ocorra.

Após termos visto as questões sobre os objetivos, iremos trabalhar com os conteúdos.

Os Conteúdos

A escolha dos conteúdos é uma atividade que demanda do docente o exercício daquele papel que foi mencionado na unidade 1, ou seja, que deve ser um pesquisador. Nesse sentido, entendemos que o professor ao selecionar os conteúdos, deve fazer relação com os objetivos. “Os objetivos, numa perspectiva moderna, constituem o ponto de partida para a determinação das ações de ensino. Por isso, os conteúdos devem derivar dos objetivos e não ao contrário.” (GIL, 2010, p. 128) A compreensão de que os conteúdos são derivados dos objetivos, leva-nos a delimitar o próximo passo que é a fase de seleção dos conteúdos. Muitas são as formas de tratá-los. Podemos selecionar os conteúdos a partir, de, por exemplo, seguir um livro texto em que os assuntos já estão ordenados, o que se constitui uma tarefa de fácil realização. Outra maneira de selecionarmos os conteúdos, seria seguir os tópicos sugeridos pelo planejamento pedagógico, o que, em sua maioria, apresentam-se direcionados para uma execução otimizada pelo professor. Ainda, se não tivermos nenhuma das opções mencionadas:

“cabe, portanto, ao professor considerar na seleção dos conteúdos não apenas a ordem lógica, mas também a “ordem psicológica”, que se refere às condições pessoais dos estudantes e que envolve, entre outros aspectos, sua experiência de vida e motivação para o aprendizado da disciplina.” (GIL, 2010, p. 132)

item anterior, exemplos de objetivos, confira algumas disciplinas e seus conteúdos:

Os planos de disciplina, de unidade e de aula, foram apresentados com o propósito de demonstrar ao docente, exemplos possíveis de execução. Ao mesmo tempo, também é interessante que o professor, a partir do que foi exposto, estabeleça seus próprios

Como já apresentamos no

Disciplina	Objetivo Geral
Introdução à Filosofia	1. O que é Filosofia; 1.1. As respostas do senso comum; 1.2. As quatro definições gerais de Marilena Chauí; 1.3. As respostas de alguns filósofos
Gestão da Informação e do Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> ○ Organizações do conhecimento: contextualização, conceitos, características. ○ O valor da informação e do conhecimento nas organizações: cultura e comportamento informacional; ○ Uso da informação: necessidade, busca e modelo de uso da informação. ○ Inteligência e conhecimento organizacional: criação do conhecimento; ○ Gestão do conhecimento organizacional: modelos, fontes e profissionais do conhecimento; ○ Propostas de gestão do conhecimento: diagnóstico e projetos. ○ Gestão do conhecimento em bibliotecas
Bioética	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ética, Moral e Direito (diapositivos); ○ Bioética (diapositivos); ○ Princípios Éticos e Bioética: a abordagem principialista
Informática básica	<ul style="list-style-type: none"> ○ Conceitos básicos, sistemas operacionais e internet; ○ Processadores de texto; ○ Editores de sites.

critérios, já que o que pretendemos é instigar no docente à criação de atividades que sejam exequíveis no seu trabalho diário, por isso, o assunto da próxima unidade, é tratar das técnicas de ensino.

Técnicas de Ensino

Aulas Expositivas

Todos os autores que tratam do conceito das aulas expositivas são unânimes em classificá-las como o método de ensino mais tradicional, porém todos também concordam que essa é a forma de ensino mais utilizada.

Vejamos os conceitos:

“A técnica mais tradicional de ensino é a técnica expositiva ou aula expositiva, que consiste na apresentação de um tema logicamente estruturado. Essa técnica é das mais antigas no campo do ensino, assim como a cópia, o ditado e a leitura.” (PILETTI, 1993, p. 106)

O educador Eduardo Freitas também concorda com Piletti e, ainda, afirma o seguinte:

“(…) Muitos educadores, e também pensadores do seguimento educacional, consideram a aula expositiva um método tradicional, alguns até almejam o fim dessa prática. Mas, esse método dito ‘tradicional’ ainda continua

vivo diante de tantas inovações tecnológicas dispostas no mundo contemporâneo, e, algumas vezes, faz-se necessária a implantação desse tipo de aula.”

Concordamos com os autores em relação ao fato da visão tradicional da aula expositiva, todavia é necessário dizer que cada docente deve personalizar sua aula para que essa seja um diferencial para seus estudantes.

Alguns fatores relevantes do motivo pelo qual as aulas expositivas são utilizadas: economia, flexibilidade, versatilidade, rapidez e ênfase no conteúdo. (GIL, 2010, p. 134-135)

“Ao pensarmos numa aula expositiva, por exemplo, temos que superar aquela visão totalmente tradicional do professor que repete conceitos, memorizados a partir de suas leituras, adaptados para certas faixas etárias as quais se destinam suas aulas e que, monotonamente são apresentados perante uma sala de alunos, com energia e disposição, que acabam frustrados pela inoperância desse tipo de trabalho. Os objetivos, numa perspectiva moderna, constituem o ponto de partida para a determinação das ações de ensino. Por isso, os conteúdos devem derivar dos objetivos e não ao contrário.” (MACHADO, s.n.t.)

Gil faz algumas críticas às

aulas expositivas, dentre elas destacamos:

Há preocupação, por parte do docente, na exposição da matéria, todavia não se atenta para despertar a atenção do aluno;

Muitos docentes falam muito rápido, dificultando o entendimento do conteúdo, bem como há também outros que falam muito devagar;

Algumas aulas expositivas caracterizam-se pelo monólogo.

Como foi observado até agora foram mencionados os aspectos mais relevantes em relação à aula expositiva. A seguir seguem as vantagens e as limitações sobre esta forma de exposição:

Vantagens das aulas expositivas

- Adaptação a públicos variados;
- Fácil para introduzir vários conteúdos;
- Facilita trabalhar com os conteúdos de forma organizada;
- Permite uma interação direta, o que não é possível em outros meios, como este a distância, por exemplo;
- Permite a exposição de conteúdos que não estão ainda publicados em artigos ou livros;
- O professor pode controlar o

assunto em relação à sequência e duração da exposição. (GIL, 2010, p. 138)

Limitações das aulas expositivas

- Torna os estudantes passivos;
- Depende do domínio do docente;
- Pode não levar em consideração as diferenças individuais. (GIL, 2010, p. 138)

Outros elementos a serem considerados nas aulas expositivas:

A importância das emoções: “a atuação do professor universitário em aula sob muitos aspectos assemelha-se à do ator de teatro.” (GIL, 2010, p. 138)

A utilização da voz: “pode-se até mesmo dizer que a voz mostra como é a pessoa, quais são algumas das principais características de sua personalidade (...).” (GIL, 2010, p. 139)



Fonte. <http://faculty.frostburg.edu/phil/forum/DeadPoets.htm>

- A expressão corporal: “todo nosso corpo fala. Os movimentos da cabeça e do tronco, a posição das pernas e dos pés, o movimento dos braços e das mãos, as contrações do rosto, a expressão do olhar, qualquer gesto, enfim, expressa uma mensagem (...).” (GIL, 2010, p. 140)
- O contato visual: “quando o professor perde o contato visual com a classe, os alunos tendem a dispersar-se. Isto pode ser, facilmente, verificado quando os professores colocam-se de costas para a classe.” (GIL, p. 142)

Você pode ver um artigo sobre aula expositiva disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/portal/artigo.asp?artigo=487>

Para as autoras LIMA e FREITAS, a aula expositiva pode ser dividida em momentos distintos, observe:

- **Momento 1.** Explicitação das ideias

“O momento inicial da aula deve ser estruturado de modo a possibilitar aos estudantes a explicitação do conjunto de sentidos e representação que eles dispõem sobre o conteúdo a ser trabalhado. É preciso criar situações que valorizem as experiências dos alunos e promovam aproximações entre

o conteúdo desenvolvido e a realidade, de modo a tornar a aprendizagem significativa.”

- **Momento 2.** Problematização

“O estudante precisa ser desafiado a questionar os sentidos e representações expressos no momento anterior. Questões desafiadoras, situações problema a serem solucionadas, atividades práticas que auxiliem a responder algumas questões levantadas, questionamento das hipóteses apresentadas, são estratégias a serem oferecidas aos estudantes a fim de que eles possam perceber as lacunas existentes em suas ideias iniciais.”

- **Momento 3.** Construção dos argumentos

“Argumentar em sala de aula é reunir elementos para defender determinada ideia ou para demonstrar a compreensão efetuada sobre os conceitos formais trabalhados.”

- **Momento 4.** Sistematização da aprendizagem

“É o último momento da sequência de eventos que constituem a aula expositiva dialógica. Nesta ocasião, é solicitada ao aluno a organização dos conhecimentos novos, que agora fazem parte de seu acervo cognitivo. Tal etapa

deve conjugar oportunidades de o aluno comunicar suas aprendizagens de forma e com a produção de textos escritos.”

Como visto, o objetivo geral deste item foi apresentar e identificar as aulas expositivas. Cabe ao professor encontrar a melhor forma de interagir com seus alunos e conduzir suas aulas, nesse sentido, observamos quais são as vantagens e desvantagens neste tipo de aula. No próximo item, trataremos das atividades que envolvem discussões em aula, para ampliarmos os conteúdos das técnicas de ensino.

Atividades com discussões em Sala de Aula



Estas atividades poderão ser inseridas em momentos específicos das aulas. Veja no Anexo 1

As discussões, se bem selecionadas, ampliam as possibilidades do docente administrar suas aulas, com vistas a proporcionar

uma maior participação e interatividade dos alunos.

“Desde o primeiro quartel do século XX, quando surgiu o movimento pela Escola Nova, a discussão passou a ser reconhecida como o protótipo dos métodos ativos. Além disso, o professor que utiliza a discussão em sala de aula tende a ser reconhecido como mais democrático.” (GIL, 2010, p. 153)

A discussão pode promover a interação entre estudantes e professores. Contudo, há professores que veem, essa estratégia de ensino, como transferência de responsabilidade no que diz respeito ao ato de ensinar.

Vejam os conceitos sobre o assunto: “A discussão como método de ensino-aprendizagem consiste num processo em que um pequeno grupo junta-se para comunicar-se entre si (...), com a finalidade de alcançar objetivos de ensino-aprendizagem.” (GALL da International Encyclopedia of Education, 1985)

Dentre os benefícios apontados sobre as discussões, observe os seguintes:

- “Contribui para estudar um assunto sob diferentes perspectivas;
- Amplia a consciência dos

estudantes acerca da tolerância à ambiguidade e à complexidade;

- Incentiva os estudantes a reconhecer e investigar suas suposições;
- Encoraja a ouvir de forma atenta e respeitosa;
- Desenvolve nova apreciação no que diz respeito às diferenças;
- Incrementa a agilidade intelectual;
- Ajuda os estudantes a manterem-se conectados com um tópico;
- Estimula o respeito a opiniões e experiências dos estudantes;
- Ajuda os estudantes a aprender os processos e os hábitos do discurso democrático;
- Afirma os estudantes como co-produtores do conhecimento;
- Desenvolve a capacidade para a comunicação clara das ideias e dos significados;
- Desenvolve hábitos de aprendizagem cooperativa;
- Incrementa a capacidade de respeitar outras opiniões e torna os estudantes mais empáticos;
- Ajuda os estudantes a desenvolver habilidades de síntese e de integração;
- Conduz à transformação.” (GIL, 2010, p. 154).

Dentre as várias atividades que podemos utilizar nas discussões

selecionamos três, que são: *brainstorming* (“tempestade cerebral”), seminários e debates (Veja conceito no item: 3.1.3 Plano de Aula).

Brainstorming

- utilizado para solucionar “problemas”;
- maneira dinâmica para criar ideias e definir a melhor para solucionar-se um problema;
- técnica eficiente a ser utilizada com equipes para criar descontração em determinadas situações.

No item 3.1.3, em que foi apresentado o exemplo de um plano de aula, demonstramos como a técnica pode ser utilizada. A seguir, será visto um exemplo de como o *brainstorming* pode ser trabalhado, de acordo com a Criativa Consultoria, observe:

Ex.: Podemos utilizar o *Brainstorming* para definir o Planejamento Estratégico.

- Abaixo a descrição simplificada do “Innovation Decision Mapping”, método Heurístico de Planejamento.

São três etapas: Objetivo, Diagnóstico e Ações Chaves.

Necessidade, Oportunidade ou Objetivo:

- Utilize o Brainstorming com o

seguinte tema: Quais são as oportunidades de crescimento que temos?

- Utilize a votação para escolher a melhor oportunidade de crescimento.

Defina um Objetivo para esta oportunidade.

Diagnóstico

- Utilize o Brainstorming com as seguintes perguntas:
Quais são os obstáculos, ameaças ou pontos fracos que podem nos impedir de atingir o Objetivo definido?

Quais são os elementos ou pontos fortes que podem nos fortalecer para atingir o Objetivo definido?

Utilize a Votação e Diagramas de Causa e Efeito para escolher e definir o Diagnóstico. “Onde agir para ganhar o jogo?”

Ações Chaves

Utilize o *Brainstorming* para gerar ideias que eliminem o Obstáculo Diagnosticado;

Escolha as melhores ideias para eliminar o Obstáculo e atingir o Objetivo.

É necessário ressaltar que no exemplo proposto, há sugestões de perguntas e, é nesse sentido que a discussão deve ser fomentada, entre os estudantes que participam da

atividade. Nesse sentido, sugerimos que a técnica seja adaptada ou inserida em situações e momentos que o professor julgar conveniente ou adequado, já que o docente universitário deveria desenvolver pesquisas e essas deveriam ser voltadas para também, a sua atuação em sala de aula.

Assim, mostraremos a seguir a técnica do seminário que consideramos ser apropriada para incentivar a participação dos alunos nas discussões em sala de aula.

Seminário

Veja sugestão no Anexo 5 – Seminário: Roteiro do Trabalho Escrito. Ressaltamos que os trabalhos escritos devem seguir as normas da ABNT.

- é apresentado a partir de um texto estabelecido pelo professor;
- direciona os estudantes “a uma reflexão aprofundada de determinado problema” (SEVERINO, 2006, p. 63);
- indicado para que os alunos discutam sobre uma “problemática presente explícita ou implicitamente no texto.” (SEVERINO, 2006, p. 63)

Roteiro de apresentação do Seminário

1. TÍTULO DO TRABALHO E DO AUTOR

2. OBJETIVOS

Mencionar apenas os objetivos que foram contemplados com os resultados apresentados (mesmo que o trabalho original tenha outros objetivos).

3. MATERIAL E MÉTODOS

- Citar a fonte dos dados e demais informações sobre a origem e aquisição dos mesmos (se são próprios ou retirados da literatura – especificar a referência);
- Detalhar a estratégia amostral adotada na coleta: número de campanhas, de estações, de amostras, de variáveis etc;
- Pré-processamento dos dados, com explicação das alternativas adotadas: normalização, transformação, eliminação de casos anômalos, eliminação de variáveis redundantes, etc;
- Opção pela(s) técnica(s) estatística(s): justificar a escolha da(s) mesma(s), ressaltando suas aplicações e restrições metodológicas;
- Detalhar as etapas da aplicação da técnica: tipos de matrizes e gráficos gerados, níveis de corte ou de significância assumidos, coeficientes utilizados, programa utilizado etc.

4. RESULTADOS

- Apresentação de todas as tabelas e gráficos criados ao longo do processamento dos dados (não esquecer de inserir a tabela de dados originais – brutos);
- Explicação estatística dos resultados;
- Discutir, se pertinente, o procedimento de espacialização e/ou análise espacial adotado.
- Discutir o tipo de informação extraída dos resultados e a interpretação dos mesmos, baseando-se nos objetivos propostos;

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

- Discutir as vantagens e desvantagens do procedimento metodológico adotado;
- Citar as lacunas a serem trabalhadas futuramente (continuidade da pesquisa).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Instruções para Apresentação Oral:
- Apresentação de 15 minutos usando o software PowerPoint;
- Entregar previamente todas as tabelas e os gráficos em um arquivo do Excel (nos moldes dos exercícios resolvidos durante as aulas);
- Levar os artigos gravados em CD ou pendrive. Para evitar eventuais problemas.

O roteiro é uma sugestão que deve ser adaptada em cada contexto. Ressaltamos que a importância de inserir o seminário na atividade docente é para que o professor possa ampliar suas possibilidades de *administrar* e conduzir suas aulas. Por isso, será exposta a técnica do debate, no próximo item, com o objetivo de prover alternativas na prática docente.

Debate

Conceituado como “gênero argumentativo oral da sala de aula;” (CRISTOVÃO, DURÃO e NASCIMENTO, 2003, p. 1)

Fomenta a argumentação e com isso, os alunos posicionam-se a respeito de determinado tema/assunto.

“os discursos argumentativos orais ou escritos constituem-se em gêneros que ativam o funcionamento de grande parte das relações sociais. Com seus argumentos, os indivíduos expressam valores e regras sociais que orientam o seu comportamento e as tomadas de posição em situações enunciativas que envolvem temas controversos em relação a esses valores e regras sociais.” (2003)

Os debates, quando bem planejados, podem proporcionar

oportunidades únicas, tanto para professores quanto para alunos. Enquanto educadora, tenho trabalhado com os debates desde 2006, em especial no Curso de Direito, e nesse sentido, tal experiência é uma técnica que apresento a concepção neste trabalho.

Exercícios para fixação

1. Qual a importância do plano de disciplina no planejamento? Explique o que ele significa para o docente.

2. Cite pelo menos 3 itens que devem ser levados em conta quando preparamos o plano de disciplina.

3. Qual é a diferença entre o plano de disciplina e o plano

de unidade?

4. Os planos de aula apresentam os seguintes itens essenciais: tema, objetivos, bibliografia, método e técnica. Escolha e explique um dos itens mencionados.

5. Quando planejamos uma aula por que devemos partir dos objetivos?

6. Com base nos conceitos expostos conceitue aula expositiva.

7. Cite pelo menos 3 vantagens das aulas expositivas.

8. O que o docente deve fazer no momento 2 da aula expositiva, ou seja, no momento da problematização?

9. Dentre as técnicas de ensino, as discussões são consideradas excelentes oportunidades para promover a interação entre docente e estudantes. Cite, no mínimo, três benefícios dessa técnica de ensino.

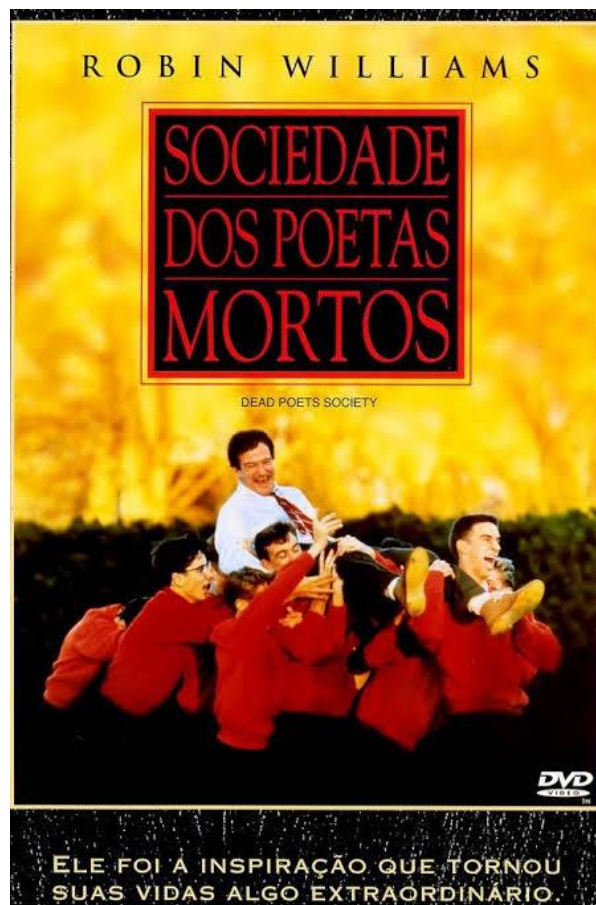
10. Qual a importância da argumentação nos debates?

Entrevista: Educador José Carlos Libâneo

http://www.youtube.com/watch?v=6kk__FXVwCO

Em entrevista para o SINPRO-SP, o professor e pesquisador José Carlos Libâneo, define a função da escola tendo em vista que a essa não apresenta mais o monopólio do saber. Enfatiza, também, o papel do professor e as formas que o aluno percebe a escola nos dias atuais.

FILME: Sociedade dos Poetas Mortos



Sinopse

Em 1959 na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno (Robin Williams) torna-se o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos cria um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente quando fala aos seus alunos sobre a “Sociedade dos Poetas Mortos.

3



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

3. Aprendizagem Baseada em Problema e a Integração de Atividades Desenvolvidas Fora da Sala de Aula



Nesta unidade, serão apresentadas reflexões sobre a Aprendizagem baseada em Problema (ABP) e a integração de atividades desenvolvidas fora da sala de aula.

A Aprendizagem Baseada em Problema

A forma tradicional da Educação está em questionamento, visto que o modelo de ensino, com o

professor à frente de uma sala de aula e os alunos em suas cadeiras, sem interagir ou participar, tal forma é considerada ultrapassada por alguns teóricos da área da Educação. Por isso, nesta unidade, será trabalhado o tema da ABP

“O PBL é o eixo principal do aprendizado teórico do currículo de algumas escolas de Medicina, cuja filosofia pedagógica é o aprendizado centrado no aluno. É baseado no estudo de problemas

propostos com a finalidade de fazer com que o aluno estude determinados conteúdos. Embora não constitua a única prática pedagógica, predomina para o aprendizado de conteúdos cognitivos e integração de disciplinas. Esta metodologia é formativa à medida que estimula uma atitude ativa do aluno em busca do conhecimento e não meramente informativa como é o caso da prática pedagógica tradicional.” (SAKAI E LIMA, 1996 APUD BERBEL)

Contexto Histórico

Platão, na Grécia Antiga, utilizava casos concretos, com vistas a instigar as discussões filosóficas (GIL, 2010, p. 182);

Lao-Tsé e Confúcio, há 2.500 anos na China, apresentavam dilemas a seus discípulos para que fossem encontradas soluções; (GIL, 2010, p. 182)

Na modernidade, o método foi introduzido na Universidade de Harvard, em 1880, por Christopher Landgell, aos alunos de Direito afirmando que eles “poderiam aprender melhor estudando as decisões dos tribunais do que lendo textos jurídicos;” (GIL, 2010, p. 182)

Outros cursos de Direito passaram a utilizar o método, assim como o curso de Medicina; (GIL, 2010, p. 182)

Na Harvard Business School, a ABP constitui-se em uma estratégia fundamental de ensino.

O contexto histórico foi apresentado, em linhas gerais, para termos uma ideia do surgimento da ABP. A seguir vamos trabalhar com os seus conceitos.

Conceitos da ABP

Como vimos no contexto histórico, a ABP é considerada uma metodologia que abrange não somente uma prática pedagógica. Dessa forma, vamos ampliar os seus conceitos.

“A aprendizagem baseada em problemas (ABP) é uma estratégia em que os estudantes trabalham com o objetivo de solucionar um problema.” (GIL, 2010, p. 175)
“Esta estratégia é centrada no estudante, o qual deixa de ser um receptor passivo e assume o de agente e principal responsável pelo seu aprendizado.” (GIL, 2010, p. 175)

Outro fator importante é que: “na ABP os professores não atuam de maneira tradicional, mas como facilitador do trabalho dos estudantes.” (GIL, 2010, p. 175-176)

Embasamento Teórico da ABP (Gil, 2010)

Há várias questões que fundamentam a ABP, vamos refletir sobre algumas delas: (GIL, 2010, p. 175-176)

- Autores como: Comenius, Piaget, Bruner, Vigotsky, Rogers e Paulo Freire foram os principais teóricos que contribuíram para o embasamento da ABP;
- Os autores destacam que estudante participa na construção do conhecimento;
- O professor não é um mero transmissor de ideias. Há uma comunhão entre docente-discente;
- O Construtivismo é a concepção pedagógica fundamental da ABP.

“A responsabilidade do professor não se refere à transmissão de conhecimentos, mas ao oferecimento do “pano de fundo” e dos recursos que os estudantes necessitam para a solução do problema, o que requer dele conhecimentos específicos.” (GIL, 2010, p. 177)

Vantagens e Desvantagens da ABP

Sabemos que toda metodologia apresenta suas peculiaridades. Com a ABP não é

diferente já que, como apresentado, essa é forma diferente de o docente trabalhar com os alunos. Nesse sentido, vamos observar as vantagens da ABP:

Vantagens (Gil, 2010, P. 178-180)

1. Os assuntos são observados em um ambiente que envolve a discussão entre docente e alunos;
2. Os conhecimentos são retidos mais facilmente, uma vez que é priorizada a compreensão, ao invés da memorização;
3. O conhecimento é adquirido com base em um contexto real;
4. Há uma responsabilidade pela aprendizagem, visto que os estudantes devem resolver um problema;
5. Estímulo do trabalho em equipe;
6. Os alunos automotivam-se porque o método de ensino não é tradicional;
7. Desenvolvimento do relacionamento entre os estudantes;
8. O trabalho interdisciplinar é priorizado;
9. Relacionamento entre professores e estudantes de maneira diferenciada;
10. O aluno é estimulado a pensar e solucionar problemas, um diferencial que levará para sua carreira.

Desvantagens (Gil, 2010, p. 180-182)

1. Diminuição do tempo designado ao ensino dos conteúdos essenciais das disciplinas;
2. Os estudantes passam a atuar juntamente com o professor; não são meros receptores passivos;
3. Os professores passam a desempenhar papéis que não estavam acostumados anteriormente;
4. Os problemas deverão ser apropriados, ou seja, voltados para a realidade social dos alunos;
5. O tempo gasto nas atividades é maior do que atividades no ensino tradicional;
6. Há necessidade de mais recursos;
7. O docente deve observar as atividades mais intensamente;
8. O grupo de professores deve ter um entrosamento maior;
9. Avaliação é mais complexa.

Elaboração de Casos (GIL, 2010, p. 185)

- Devem estar ligados a uma situação real;
- Descrições fictícias devem ser evitadas;
- A elaboração do problema deve ser a primeira etapa a ser realizada;
- O problema deve ser

transformado em objetivos operacionais;

- A próxima etapa deve ser na identificação de casos, em que a análise, discussão e solução correspondam aos objetivos propostos;
- O docente poderá ter como base entrevistas de pessoas que conheçam e lidam com o problema; poderá também consultar pesquisadores que desenvolvam pesquisas, teses ou dissertações na área.

Roteiro para a discussão do Caso:

1. Qual é o problema?
2. Quais são as variáveis mais relevantes?
3. Quais são os critérios para a tomada de decisão?
4. Quais são as soluções alternativas?
5. Qual seria a decisão mais apropriada?
6. Como essa decisão seria implementada? (GIL, 2010, p. 187)

O curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná, foi um dos primeiros a aderir ao movimento internacional de adequação da formação do médico às novas demandas sociais. Foi implantado o chamado Currículo PBL - sigla de Problem Based Learning, ou, em português, Ensino Baseado em

Problemas, no qual o processo ensino/aprendizagem deixa de depender exclusivamente do professor, com seu baú de conhecimentos, e passa a ser centrado no aluno, a quem caberá procurar os conhecimentos necessários para resolver os problemas que lhe serão apresentados. A metodologia é relativamente nova, se comparada aos métodos tradicionais de ensino, como a aula expositiva, por exemplo. Por isso, pontuamos, na primeira parte da unidade, a apresentação e identificação do contexto histórico da ABP bem como seus principais conceitos. Também foram mostradas as vantagens, bem como as desvantagens da ABP. A seguir, na segunda parte da unidade, trataremos da integração das atividades desenvolvidas.

Atividades Desenvolvidas Fora da Sala de Aula

Na primeira parte da unidade, trabalhamos com a ABP, a qual sugere que os alunos desenvolvam atividades extras ao ambiente da sala de aula. Por isso, além do que foi mencionado anteriormente, serão trabalhadas sugestões de atividades que possam ser desenvolvidas fora da sala de aula.

“(…) a maior parte do aprendizado significativo dos alunos ocorre fora da sala de aula. Leitura de livros, jornais e revistas, trabalhos escritos, pesquisa em biblioteca e em laboratório, observação direta de fenômenos pelos estudantes em outros ambientes, mas essenciais para o aprendizado.” (GIL, 2010, p. 197)

Para Roni Ivan Rocha de Oliveira e Maria Luíza de Araújo Gastal, as seguintes considerações devem ser feitas em relação à aprendizagem fora da sala de aula.

Uma distinção possível diz respeito aos espaços onde se dá o processo educativo.

Fala-se de espaços ou ambientes formais de Educação como sendo aqueles vinculados à escola, instituição mais conhecida pelo seu papel social de prestar Educação básica em nossa sociedade.

Por outro lado, locais que não são sedes destinadas especificamente para o funcionamento da instituição escolar são denominadas espaços ou ambientes não-formais de Educação.

- Podemos considerar como espaços não-formais todos aqueles situados fora dos limites geográficos da escola, tais como uma praça, uma avenida, uma quadra comercial e/ou residencial, centros comerciais, uma

indústria, centros de pesquisa, reservas naturais, museus e assim por diante.

As contribuições que as atividades extra sala de aula proporcionam, podem ser imensas, uma vez que podem complementar o processo que foi iniciado no ensino presencial. Nesse sentido, as atividades devem ser planejadas para que os alunos ampliem suas possibilidades de reflexão e investigação de temas, previamente, selecionados do conteúdo programático.

“Parte significativa do tempo conferido à aprendizagem deve voltar-se para a pesquisa bibliográfica, leitura independente, resolução de problemas, redação, tarefas de observações e experiência prática.” (GIL, 2010, p. 198)

As atividades extras ao contexto da sala de aula, como demonstrado, podem ampliar e desenvolver nos estudantes hábitos que os tornem responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem, assim dentre todas as possibilidades de atividades, serão expostas as seguintes: de leitura e de trabalhos escritos, por entendermos que essas são fundamentais para a realização de outras atividades.

Atividades de Leitura

Muitas são as atividades que os professores podem planejar para que seus alunos realizem- -nas fora da sala de aula. Dentre elas, destacamos que a atividade da leitura “continua sendo importante elemento no aprendizado no Ensino Superior.” (GIL, 2010, p. 201)

Confira o artigo: “A importância da Leitura para a Formação de uma Sociedade Consciente.”

No site:

<http://dici.ibict.br/archive/00001095/01/aimportanciadaleitura.pdf>

Quais leituras devem ser feitas no Ensino Superior?

Aquelas que visem atingir os objetivos das disciplinas e que tenham relação com os conteúdos do plano disciplinar;

O professor deve propor leituras que abranjam vários livros para que o aluno tenha uma comparação das várias teorias e dos principais teóricos da área em estudo.

Recomendações

- Definir o propósito da leitura;
- Aprimorar os hábitos da leitura;
- Fazer uma pré-leitura do

- texto;
- Fazer uma leitura analítica do texto;
- Fazer uma pós-leitura. (GIL, 2010, p. 203)

Rosimeiri Darc Cardoso:

“(...) destaca que no ensino superior a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (...) o trabalho com a pesquisa científica torna-se fundamental para o desenvolvimento dos acadêmicos, de modo que a compreensão do processo de pesquisa também precisa ser explicitado a eles.”

É interessante lembrar que apresentamos na unidade 4, os aspectos relacionados aos seminários. Por isso, vale destacar que para os estudantes ao prepararem o trabalho escrito do seminário, terão de realizar leitura minuciosa dos textos sugeridos pelo professor. Dessa forma, cabe ao docente também planejar as atividades de leitura, para que os estudantes possam expandir seus conhecimentos, além de instigar os alunos à pesquisa. Por isso, outra maneira de o docente trabalhar com atividades extras ao contexto da sala de aula, é planejar as atividades que envolvam trabalhos escritos, assunto que será visto no item seguinte.

Trabalhos Escritos

Ao inserirmos os trabalhos escritos, no plano de disciplina (item que foi visto na unidade 3), mais especificamente ao estabelecermos os procedimentos de avaliação, os trabalhos escritos poderão ser atividades que os docentes deverão planejar de maneira que todo o processo de ensino-aprendizagem seja contemplado.

“Trabalhos escritos são requeridos na maioria das disciplinas dos cursos universitários, sobretudo nos de Ciências Humanas. Podem ser trabalhos de conclusão de disciplina, trabalhos mais curtos desenvolvidos ao longo do ano ou do semestre letivo, ou mesmo trabalhos realizados em poucos minutos em sala de aula.” (GIL, 2010, p. 177)

Vejamos algumas contribuições dos trabalhos escritos:

- Aprimoram a leitura ativa e participativa;
- Desenvolvem os conteúdos vistos em aula;
- Proporcionam aprimoramento de temas;
- Ampliam e estimulam a pesquisa.

Dica

Vamos à seguinte questão prática. Imagine que o docente solicita um trabalho escrito sobre o tema: Comunicação. Como percebemos, trata-se de assunto amplo, por isso ao planejar um trabalho escrito, o professor deverá fazer a relação com os objetivos de ensino, assim como apresentar temas coerentes ao que foi solicitado.

Além de estabelecer objetivos pontuais e coerentes, o professor deverá apresentar um modelo ou roteiro do trabalho escrito. Como apresentado anteriormente, na unidade 4 sobre os seminários e debates e na unidade 5, sobre a aprendizagem baseada em problema, essas atividades fora da sala de aula envolvem o desenvolvimento de trabalhos escritos e com isso, o docente deve estabelecer, pontualmente, como o trabalho deve ser apresentado: desde o tema, bem como, os textos que servirão de fundamentos, até a sua apresentação visual. Por isso, foram apresentados modelos nos anexos para que o docente tenha um parâmetro de como poderia solicitar este tipo de atividade.

Como já mencionamos, várias são as atividades que envolvem os trabalhos escritos, contudo vamos relembrar os principais:

Redações: pequenos parágrafos, como a sugestão apresentada na unidade 1, em relação ao primeiro dia de aula. Também, o docente pode solicitar em atividades de sala de aula; textos mais longos: narrativas e dissertações, como o roteiro de texto sugerido para os debates, apresentado na unidade 4.

Seminários: este tipo de trabalho pode envolver resumos e resenhas de artigos, capítulos e livros. Também, já apresentamos o conceito e os modelos anteriormente na unidade 4.

Monografias: trabalhos escritos idealizados para conclusão de curso ou como parte do cumprimento de objetivos de disciplinas;

Relatórios: geralmente, são solicitados em atividades complementares, como estágios, visitas técnicas, viagens técnicas, oficinas, eventos etc.

Exercícios para fixação

1. Qual é o principal fundamento da ABP?

2. Quais são os 2 cursos que utilizam a ABP?

3. Cite pelo menos 3 desvantagens da ABP.

4. Quais considerações devem ser feitas em relação à aprendizagem fora da sala de aula?

5. Quais atividades de escrita podemos desenvolver extra ao ambiente da sala de aula? Apresente pelo menos uma e explique em quais situações podem ser empregadas.

Observe alguns tipos de redação no site Brasil Escola:
<http://www.brasilecola.com/redacao/>



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

4. A Avaliação da Aprendizagem dos Alunos



Nesta unidade, serão apresentadas reflexões sobre a avaliação da aprendizagem dos alunos.

Aspectos da Avaliação

É possível afirmar que um dos itens mais desgastantes, tanto para professores quanto para alunos, é a avaliação, em virtude de que, em muitos casos, essa representa um método autoritário e também punitivo. Por isso, vamos observar e identificar alguns aspectos da avaliação, suas perspectivas assim

como os tipos de provas.

“A avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e encontra-se intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos.” (PERRENOUD apud KRAEMER, 2005, p. 1)

Na unidade 2, foram apresentados os tipos de avaliação: a diagnóstica, a formativa e a somativa. Em especial, foram expostas sugestões com roteiros de avaliação diagnóstica. Quanto às

avaliações formativa e somativa consideramos o seguinte: a avaliação formativa pode ser feita por intermédio de uma pesquisa, tanto de sondagem em relação ao andamento da disciplina: seus aspectos teóricos e de relacionamento entre docentes e estudantes, quanto uma prova com questões dissertativas e objetivas para averiguar a aquisição dos conteúdos, e que pode também ser aliada à avaliação somativa.)

Avaliação: aspectos críticos

- **Pode ser fonte de ansiedade e estress:** terrorismo por parte de alguns docentes;
- **Leva a injustiças:** há casos que o docente elabora provas com uma ou duas perguntas para facilitar a correção;
- Privilegia o controle da retenção de conhecimentos: ênfase na memorização e no apreender;
- **Falta de relação com o que foi ensinado:** porque muitos professores não elaboram provas de acordo com os objetivos;
- **Avaliação tradicional não propicia um verdadeiro crescimento:** ao classificar os alunos pelas suas notas pode haver um reflexo no mundo profissional, por exemplo;
- **Muitos estereótipos surgem nas avaliações:** muitos professores são extremamente severos na correção o que pode provocar um estereótipo nos estudantes;
- **Há tempo demasiado na elaboração e correção das avaliações:** dependendo do professor, se ministrar aulas em muitas turmas, a correção pode ser superficial;
- **Muitas provas não têm relação com o conteúdo:** as provas discursivas podem valorizar mais o conteúdo;
- **Legitimidade das provas:** deverão ser coerentes com o conteúdo e os objetivos da disciplina;
- **Fidedignidade às provas:** dependendo da maneira como são corrigidas, podem prejudicar os alunos quando a correção é feita somente por um professor. (GIL, 2010, p. 240-242)

Modalidades de Avaliação em Relação aos Objetivos

“Avaliar consiste, essencialmente, em determinar em que medida os objetivos previstos estão sendo realmente alcançados. Portanto, a avaliação é funcional, pois se realiza em função dos objetivos estabelecidos.” (PACHECO, 2010, p.1)

Ao planejarmos a avaliação em consonância com os objetivos, devemos também observar quais são as perspectivas, as quais podem ser, conforme estão embasadas na visão de Antunes apud Pacheco (2010), observe:

Perspectiva Construtivista: “a aprendizagem humana se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem; Múltiplas Inteligências – não existe mais espaço para que a revelação do saber se faça apenas pelas vias linguísticas e/ou lógico-matemática”;

Aprendizagem Significativa: “o processo da verdadeira aprendizagem sensibiliza a memória de longa duração e faz do aluno um solucionador de problemas e um sujeito capaz de transferir saberes construídos para múltiplos contextos”;

Ensinar a verdade: “a organização de um currículo com disciplinas diferentes e conteúdos específicos somente tem validade na medida em que estes possam acreditar em seu poder de ensinar a verdade, valendo-se dos desafios das ciências exatas e humanas”;

Centro de Sociabilidade: “toda escola deve representar um espaço de vivência para o trabalho, um ambiente de estímulos epistemológicos e, sobretudo, não ser um armazém que estoca saberes para serem doados ou vendidos sem que se saiba como e

o que fazer no uso desses saberes”

Observação Contínua: “somente podemos considerar que uma avaliação do rendimento escolar seja eficiente quando é produto de uma observação constante, e não somente concentrada nos momentos de provas e exames.”

“O primeiro passo na avaliação da aprendizagem consiste na definição dos objetivos que se pretende alcançar, o que significa que este processo inicia-se com o planejamento, bem antes, portanto, das próprias aulas em que os conteúdos foram ministrados.” (GIL, 2010)

Diante das perspectivas apresentadas partiremos para o terceiro e último objetivo desta unidade que é: apresentar os tipos de provas: dissertativas, objetivas, práticas e orais.

Tipos de Provas

Os principais tipos de provas são: discursivas, objetivas, práticas e orais. A. Provas Discursivas - dividem-se em dissertativas e de perguntas curtas.

“Prova dissertativa também conhecida como ensaio, ou de resposta longa, é constituída por um tema que é desenvolvido livremente pelo estudante, e tem como única limitação o tempo disponível

para resposta.” (GIL, 2010, p. 255)

As provas de perguntas curtas apresentam um limite para que o estudante desenvolva sua resposta. Veja a seguir um exemplo desse tipo de questão.

Ex: O texto narrativo apresenta, geralmente, alguns elementos. Apresente dois desses elementos e escreva um parágrafo dissertativo padrão, com até três linhas, apontando as características do texto narrativo.

Limitações na utilização das Provas Dissertativas



- O docente pode gastar um tempo excessivo para correção;
- Pode haver subjetividade do professor na correção;
- Dificuldade para avaliação de toda matéria;
- Interpretação inadequada por parte dos estudantes;
- Dificuldade de fornecer

feedback específico.

Provas Objetivas

Alguns aspectos podem ser levados em conta neste tipo de prova, são eles:

- Há julgamento imparcial;
- Rapidez na correção;
- Imediato feedback;
- Verificação extensa da matéria;
- Comparação entre turmas;
- Identificação das diferenças individuais;

Contribuem para a avaliação do trabalho docente. (GIL, 2010, p. 258).

Provas Práticas

Avaliam habilidades manuais ou são aplicadas quando não é possível avaliar por intermédio de prova escrita. Observe as situações em que se aplicam:

- Envolver habilidades psicomotoras;
- Execução de uma atividade quanto ao resultado de qualquer execução;
- Avaliar instrumentos;
- Tocar instrumentos musicais;
- Operar determinadas máquinas/equipamentos. (GIL, 2010, p. 261)

D. Provas Orais



- São mais raras atualmente;
- Utilizadas para estudantes com necessidades especiais;
- Utilizadas em atividades que exijam a locução como: entrevistador, intérprete, guia de turismo. (GIL, 2010, p. 263)

Como expusemos, durante a unidade, os tipos de provas, podemos aliá-los, por exemplo, em termos práticos, aos debates – cujo assunto foi apresentado na unidade 4 – já que esses abrangem tanto as provas dissertativas, quando o texto é produzido para o debate, quanto às provas orais, no momento em que são feitas as defesas dos temas, na apresentação oral.

É necessário ressaltar ainda que outras formas de avaliação, além das provas mencionadas nesta unidade, podem ser introduzidas no plano curricular como, por exemplo, o trabalho escrito do

seminário, a produção de algum relatório, e assim por diante.

Assim, ao concluirmos esta unidade, bem como este trabalho, temos de enfatizar que na unidade 1 apresentamos o plano de aula, em linhas gerais, para que na unidade 2 fosse trabalhado o planejamento de ensino, no âmbito, educacional, institucional e curricular. Já, na unidade 3, foram expostos, mais detalhadamente, os planos de disciplina, de unidade e de aula. Com isso, na unidade 4, pontuamos como os planos podem ser executados em termos práticos, conjuntamente com as técnicas de ensino. Na unidade 5, mostramos a Aprendizagem Baseada em Problema (ABP) e as atividades desenvolvidas fora da sala de aula. Já, na unidade 6, foram trabalhados os aspectos da avaliação.

Exercícios para fixação

1. Dentre todos os aspectos críticos da avaliação, cite e explique pelo menos 3.

2. Explique o que significa a perspectiva Construtivista na avaliação.

5. Cite pelo menos 3 aspectos que podem ser levados em conta nas provas objetivas.

3. As provas dissertativas apresentam algumas limitações. Cite pelo menos duas dessas limitações.

4. Em quais situações são aplicadas as provas práticas?

5



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

5. Referências Bibliográficas

ANTUNES, Celso. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ASTIN, Alexander W. *An empirical typology of college students*. *Journal of College Student Development*, vol. 34, no 1, p. 36-46. Jan. 1993.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. *A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?* UEL – Universidade Estadual de Londrina.

CARDOSO, Rosimeiri Darc. *Leitura e Escrita na Graduação: o texto científico*. Disponível em: http://www.fap.com.br/fapciencia/002/edicao_2008/005.pdf. Acesso em: 18 jan. 2011.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbier. NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Debate em Sala de Aula: práticas de Linguagem em um Gênero Escolar*. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/199.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2010

FERNANDES, Fabiana S. *Planejamento Educacional: Conceitos, Definições e Mudanças*.

<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT05-1850--Int.pdf>. FREITAS, Eduardo de. *Aula expositiva dialogada*. Disponível em: <http://www.educador.brasilecola.com>. Acesso em: 12 jul. 2011.

FINGER, Almeri P. *O Papel e as Funções do Professor em um Ambiente Universitário Moderno e Tecnológico*. Disponível em: www.unifil.br/docs/pec/O_papel_e_as_funcoes_do_professor.doc. Acesso em: 30 abr. 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Didática do Ensino Superior*. 1ª Ed. 5. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Enrica. *Congresso na USP discute aprendizagem baseada em problemas*. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/midiaciencia/article.php3?id_article=719

GUIMARÃES, Gilda Lisboa; LEAL, Telma Ferraz & LIMA, Ana Gabriela de Souza. *Planejamento: Quais são os Objetivos do Ensino de Produção de Textos?*

GUIMARÃES, Enrica. *Congresso na USP discute aprendizagem baseada em problemas*. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/midiaciencia/article.php3?id_article=719. Acesso em: 20 mar. 2011.

HAMZE, Amélia. *A taxonomia e os objetivos educacionais*. <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/a-taxonomia-e-os-objetivos-educacionais.htm>. Acesso em: 22 fev. 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. Campinas: Pontes. KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. *A Avaliação da Aprendizagem como Processo Construtivo de um Novo Fazer*. Disponível em: <http://www.gestiopolis.com/Canales4/rrhh/aprendizagem.htm>. Acesso em: 17 jul. 2011.

LIBÂNEO, José C. *O Essencial da Didática e o Trabalho de Professor – em Busca de Novos Caminhos*. Disponível

em:
http://www.ucg.br/site_docente/edu/lib_aneopdf/didaticadoprof.pdf. Acesso em: 11 jul. 2011.

LIMA, Valderez Marina do Rosário. FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Aula expositiva**. Fonte: <http://www.pucrs.campus2.br/~jiani/gap/docencia2008/AULAEXPOSITIVA.pdf>
 LOWMAN, Joseph. *Dominando Técnicas de Ensino*. São Paulo: Atlas, 2004.

MACHADO, João Luís Almeida. *Aula Expositiva: Ideias para renovar essa prática tão tradicional*. FONTE: <http://www.geomundo.com.br/sala-dos-professores-20143.htm>
 _____ . *A aposentadoria da Aula Expositiva? Revisando e Reestruturando as aulas expositivas*. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=487>. Acesso em: 20 jul. 2011.

MASETTO, Marcos. *Aulas Vivas*. São Paulo: MG Editora, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação*. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991. MOREIRA, Daniel A. (org.) *Didática do Ensino Superior: Técnicas e Tendências*. São Paulo: Pioneira.

NÓVOA, António (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Margibel A. *Multiplicidade nos olhares: Um estudo sobre textos, de alunos do primeiro ano do curso de direito, à luz da análise do discurso*. Comunicação apresentada no GEL-2010. Disponível em:

http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=6184. Acesso em: 10 ago. 2010. Acesso em: 22 jul. 2011.

OLIVEIRA, Roni Ivan Rocha de; GASTAL, Maria Luíza de Araújo. *Educação formal fora da sala de aula: olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não-formais*. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/abrapec/viempec/7enpec/pdfs/1674.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2011.

PACHECO, Clecia. *Por que Avaliar? Definição dos Objetivos Gerais*. <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/por-que-avaliar-definicao-dos-objetivos-gerais-3476114.html>. Acesso em: 10 mar. 2011.

PERRENOUD, Phillippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. São Paulo: Ática, 1993.

ROSA, Paulo Ricardo da Silva. *Planejando o Ensino*. FONTE: http://www.dfi.ccet.ufms.br/prrosa/Pedagogia/Capitulo_6.pdf. Acesso em: 3 mar. 2011. SANT' ANNA, Flavia Maria.

ENRICCONE, Delcia, ANDRÉ, Lenir C. TYRRA, Clódia Maria G. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11 ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

SEVERINO, Antônio S. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22. Ed. rev. e ampliado. São Paulo: Cortez, 2006.

TAKAHASHI, Regina. T. FERNANDES, Maria de Fátima, P. *Plano de aula: conceitos e metodologia*. Acta Paul. Enf., São Paulo, vol. 17, n.º 17, p. 114-8, 2004.

TEIXEIRA, Gilberto. *Planejamento Educacional e Planejamento do Ensino*.

Disponível em:
<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=16&texto=970>.
Acesso em: 22 fev. 2011.

SANT' ANNA, Flavia Maria.
ENRICCONE, Delcia, ANDRÉ, Lenir C.
TYRRA, Clódia Maria G. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11^a ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

DAMIÃO, Regina Toledo. Curso de português jurídico. São Paulo: Atlas, 2004.

BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação Escrita. 22 ed. - São Paulo: Ática, 2006.

6



GRUPO EDUCACIONAL
IBRA

6. Anexo

Anexo 1. Guia com o Planejamento de Aulas

1ª etapa - Itens Fundamentais do Planejamento Docente¹

IES:

Curso:

Disciplina:

Professor (a):

Turma:

Objetivo (s) Geral (is):

Tempo: duração da (s) aula (s):

Conteúdo (s):

Bibliografia:

Perfil da turma:

2ª etapa - Avaliação Diagnóstica: Roteiro de Perguntas²

Aulas

IES:

Curso:

Disciplina:

Professor (a):

Turma:

¹ Considera-se que o docente já tenha o plano da disciplina estabelecido pela IES. A partir dele, é que este guia poderá servir como apoio na preparação das aulas.

² Sugestão de Roteiro para o 1º dia de aula, para uma turma que está ingressando no Ensino Superior. Se for uma turma que já está em andamento, o roteiro de perguntas poderá ser adaptado conforme as necessidades da disciplina. Lembre-se de que o objetivo é identificar o perfil da turma. Seria importante se o professor fizesse o registro em seu notebook, para facilitar a armazenagem e o acesso das informações. Se não for possível, sugere-se que o professor imprima o formulário e anote as informações coletadas.

Nome	Profissão	Há quanto tempo estava afastado da escola?	Já fez outro curso de graduação ou pós-graduação? Quais são?	Por que deseja fazer o curso?
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				

4ª etapa – Formulário de Plano de Unidade

Aulas

IES:

Curso:

Disciplina:

Professor (a):

Turma:

Tema Central da Unidade:

Objetivos	Cronograma	Conteúdos	Estratégias (Técnicas de Ensino)	Recursos	Avaliação

5ª etapa - Formulário de Plano de Aula⁴

Aulas

IES:

Curso:

Disciplina:

Professor (a):

Turma:

Objetivos da aula - explicitar: (escrever no quadro, apresentar em PowerPoint etc)

Momento 1 – Explicitação das ideias

Momento 2 – Problematização

Momento 3 – Construção dos argumentos

Momento 4 – Sistematização da aprendizagem

⁴ Veja item 4.1.1 – Aula Expositiva com os momentos (etapas da aula expositiva) e a explicação de cada item.

Anexo 2. Artigo: Técnicas de ensino⁵

Dissemos, anteriormente, que o método desenvolve-se por etapas e concretiza-se por meio das *técnicas de ensino*. As técnicas de ensino nada mais são do que os procedimentos que o professor pode utilizar para atingir os seus objetivos. Que objetivos?

Os grandes objetivos que o professor seleciona determinam a escolha do método. Selecionado o método, os pequenos objetivos referentes a cada etapa vão determinar a escolha das técnicas ou procedimentos didáticos. Na época do tecnicismo, essas técnicas eram chamadas de estratégias de ensino.

As técnicas de ensino são, portanto, selecionadas em função do(s) método(s) e, sobretudo, em função dos objetivos (ou das competências) que se pretende alcançar. Exemplos de técnicas de ensino: aula expositiva, demonstração, estudo dirigido, trabalho em grupo, excursão, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, entrevista etc.

As técnicas são selecionadas para cada momento do método. Por exemplo: a aula expositiva é uma técnica de ensino muito utilizada, especialmente quando o professor não dispõe de muitos recursos materiais. Entretanto, se o professor utiliza apenas a aula expositiva, acaba por transformar-se em um método: o método expositivo.

Gostaríamos de quebrar alguns “tabus” em relação aos métodos e técnicas: não são bons nem maus em si; bom ou mau é o uso que se pode fazer deles: adequado ou inadequado. Vejamos.

Algumas técnicas de ensino

A aula expositiva

A aula expositiva tem sido muito “demonizada”, como se o aluno, ao participar de uma aula expositiva, não exercesse atividade mental criativa. É claro, que exerce! À medida que o professor expõe um assunto, cada aluno vai fazendo suas próprias conexões, com as experiências anteriores vai criando imagens mentais próprias, vai concordando ou rejeitando mentalmente o que

⁵ Fonte – Texto adaptado de: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=31807&tipo=ob&cp=000000&cb=

está sendo exposto. Uma mesma aula expositiva é “percebida” de diferentes formas, tantos quantos forem os alunos presentes.

Figura 1. Professora e aluno observam fotos.



Fonte. <http://emnelsonpessoa.blogspot.com/2011/06/mural-do-sao-joao-deixa-alunos-de-agua.html>

Entretanto, com alunos muito jovens, como são os alunos do primeiro e segundo ciclos, é preferível utilizar outras técnicas mais ativas. Dado que eles têm ainda dificuldade de concentrarem-se por muito tempo, é bom variar as atividades, dar a eles a oportunidade de trabalhar com material concreto, desafiá-los com situações novas. Quando for necessário o seu uso, a exposição deve ser curta, interessante, dialogada, cobrando participação dos alunos, entremeada de perguntas inteligentes que os levem a pensar com o professor. Enfim, deve procurar ser um desafio para os alunos. É uma técnica interessante para começar um assunto (ou um projeto de trabalho), dando uma ideia geral do mesmo; ou, para resolver dúvidas, ou mesmo para fazer o “fechamento” de um assunto, propiciando uma síntese do que foi estudado. É ótimo quando o professor dispõe de recursos audiovisuais para tornar a exposição mais agradável: retroprojektor, projetor de slides, réalias para ilustrar o assunto etc.

A demonstração

A demonstração é uma técnica que, como muitas outras, pode ser utilizada no estudo de diferentes áreas do saber: Geografia, Química, Ciências Naturais, Artes, Culinária e outras mais. Cabe ao professor ou outra pessoa (um convidado, por exemplo) “demonstrar” para os alunos como se realiza algum procedimento, “como se faz” alguma coisa. Quando a mãe faz um bolo para a filha aprender como se faz, ela está fazendo uma demonstração. Quando o professor “disseca” uma planta para identificar, com os alunos, as suas partes, está fazendo uma demonstração. Quando o professor de Matemática “demonstra” um teorema para seus alunos, isto também é uma demonstração.

A observação

É uma técnica muito usada em diferentes campos do saber, tanto em Ciências Naturais, como em Ciências Sociais. Observa-se o comportamento de animais, o desenvolvimento de plantas, o tempo, a vegetação de um sítio, um eclipse, o comportamento de crianças no recreio etc., preferencialmente com um mínimo de interferência no andamento do processo observado.

Em qualquer campo de saber, podemos fazer uso da observação, mas quando usada nas atividades didáticas devemos lembrar que o aluno precisa ser ensinado a observar. Por isso, no início, o professor deve sempre prover o aluno com um roteiro de observação que vai dirigir sua atenção para o que, realmente, deve ser observado. Depois de algum tempo, e já acostumado a realizar observações, o aluno pode, eventualmente, ser solicitado a elaborar seus próprios roteiros de observação. Sempre sob a orientação do professor. A observação é um excelente auxiliar das excursões e o roteiro serve para orientar a observação do aluno para os aspectos relevantes. As observações tornam-se mais ricas quando se completam com um relatório elaborado pelos alunos, individual ou coletivamente.

Figura 2. Lição de Anatomia, de Rembrandt.



Fonte. <http://blogs.estadao.com.br/celso-ming/2010/06/24/licao-de-anatomia/>

A experimentação

Diferentemente da observação, em que o observador não intervém diretamente, na experimentação o observador insere algum fator de interferência. Ele estabelece as “variáveis” relevantes do fenômeno, processo ou situação em estudo e escolhe uma para análise. Para cada situação da variável, o experimentador observa, registra o que acontece para depois analisar e interpretar. Na experimentação busca-se descobrir correlações. Por exemplo, o que acontece com X quando aumento Y? É uma técnica especialmente usada em estudos nos campos das Ciências da Natureza, como a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia e a Biologia. Ela pode perfeitamente ser adaptada para utilização em sala de aula, desde que devidamente supervisionada pelo professor, para evitar acidentes.

O Estudo Dirigido

O Estudo Dirigido é diferente do Estudo de Texto, já tão conhecido de você. Enquanto o Estudo de Texto é utilizado para o estudo da linguagem, isto é da forma e do conteúdo, o Estudo Dirigido destina-se à assimilação de conteúdos. Ao invés de dar uma aula expositiva sobre um determinado assunto (por exemplo, uma aula sobre a “formação étnica do povo brasileiro”), o professor seleciona um bom texto sobre o tema, não muito grande (por exemplo, que possa ser lido e estudado no tempo máximo de duas aulas geminadas) e organiza perguntas sobre o mesmo. Os textos são entregues aos alunos que, inicialmente, realizam um estudo individual, registrando suas dúvidas e os pontos que considerem mais relevantes. As perguntas do professor são elaboradas de tal maneira que ao mesmo tempo estimulam a compreensão do conteúdo pelo aluno e ajudam a desenvolver suas habilidades intelectuais como as capacidades de aplicação de princípios, de registro, de análise e de síntese. Num segundo momento, os alunos reúnem-se em pequenos grupos para debater as questões mais polêmicas, avaliar o texto, bem como o trabalho realizado, enquanto são desenvolvidas, também, habilidades de comunicação e de argumentação, e atitudes e habilidades de cunho social.

A entrevista

A entrevista deve ser marcada com antecedência e os alunos devem preparar, com cuidado, o roteiro com as perguntas que serão feitas: estas podem ser discutidas coletivamente e aprimoradas, se for o caso. O entrevistado pode vir à escola ou receber os alunos em seu local de trabalho. Após a entrevista, é desejável que seja produzido um relatório com a síntese da entrevista, na qual sejam ressaltados os pontos mais importantes.

Figura 3. Crianças observam aquário.



Fonte: <http://cienciasnosanosiniciais.blogspot.com/2010/05/visita-cei-francisco-mastella.html>

Técnicas de trabalho coletivo

São inúmeras as técnicas de trabalho coletivo: seminário, painel, simpósio, entre muitas outras. Recomendamos a leitura do livro de Bordenave e Pereira (1989), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*, no capítulo que trata da Análise das Técnicas. Essas técnicas são recomendadas especialmente por propiciarem a troca de experiências, o debate saudável, a oportunidade de ver o assunto estudado sob a óptica de outros etc. Preenchem, perfeitamente, a expectativa de quem comunga do princípio de que a aprendizagem é um fenômeno social e se enriquece mediante a experiência coletivamente partilhada. Devem ser usadas quando o objetivo é promover um debate sobre temas mais complexos e/ou mais polêmicos.

Figura 4. Alunos da Cursista Rose Marlene Nascimento (UFU) fazem trabalhos sobre a importância dos “3 Rs”: reduzir, reutilizar e reciclar o lixo.



Fonte: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=31807&tipo=ob&cp=000000&cb=&n1=&n2=Biblioteca%20Virtual&n3=Temas%20Educativas&n4=&b=s

O Trabalho em Grupos

Esta técnica oferece-nos duas modalidades: o Trabalho com Grupos Homogêneos e o Trabalho com Grupos Diversificados.

O Trabalho com Grupos Homogêneos foi uma técnica muito utilizada que, num dado momento, em função da argumentação de que não existe homogeneidade entre os alunos e da apologia da enturmação heterogênea, caiu em “desgraça pedagógica”. É bem verdade que não existe homogeneidade total, é bem verdade, também, que existem “problemas comuns”. Essa técnica é recomendada quando o professor tem em vista resolver algumas dificuldades comuns a determinados grupos de alunos: o grupo de alunos que apresenta dificuldades em leitura, o grupo de alunos que tem dificuldades com a escrita, o que tem dificuldades com problemas matemáticos e assim por diante. Separando-os por dificuldades, pode providenciar material especial, dar atendimento diversificado a cada grupo, atendendo-os naquilo de que mais necessitam.

Já o Trabalho com Grupos Diversificados obedece a outra lógica: reúne alunos com diferentes níveis de aproveitamento. De um modo geral, o assunto é o mesmo para toda a classe, mas os grupos são organizados de tal forma que nele encontram-se alunos fracos, médios e fortes na área de estudo em questão. O pressuposto é que alunos fortes servem de modelo para os mais fracos e os estimulam. Alguns educadores menos informados, assim como muitos pais, têm a concepção errônea de que os fracos lucram com essa situação, mas que os fortes perdem a oportunidade de crescer. Ledo engano. Convidados a ajudar os outros alunos, os alunos fortes vêm-se na contingência de organizar melhor as suas ideias para comunicá-las bem e, com isto, elevam o nível de sua aprendizagem. Quantos professores não aprendem ao preparar suas aulas? Ao mesmo tempo esta técnica favorece aprendizagens de atitudes como humildade no trabalho com os colegas, respeito às opiniões dos colegas etc.

Uma boa estratégia é colocar uma situação-problema para ser resolvida pelo grupo, com tarefas diversificadas. Os grupos são convidados a apresentar resultados globais: de nada adianta um aluno fazer a sua tarefa, se o seu colega não terminou a dele. O objetivo é criar esse saudável espírito de grupo. Outra boa estratégia é fazer um “rodízio” de funções a serem desempenhadas no grupo: o líder, o porta-voz junto ao professor, o relator, o responsável pela limpeza após o término dos trabalhos etc. Isto dá a oportunidade a todos de “passarem” pelas funções de maior e de menor valorização “social”.

Anexo 3. Modelo de Plano de Disciplina

Faculdade de Educação
Metodologia do Ensino e Ed Comparada
Disciplina: EDM0111 - Didática I

Créditos Aula	4
Créditos Trabalho	0
Carga Horária Total	60 h (Práticas como Componentes Curriculares = 10 h)
Tipo	Semestral
Ativação	01/01/1988
Objetivos	<p>1) Discutir e analisar a natureza das produções sobre ensino e sua relação com esforço de orientar a prática pedagógica.</p> <p>2) Apresentar as diferentes perspectivas de análise da relação ensino-aprendizagem e da relação professor-aluno.</p>
Programa Resumido	<p>Sobre ensino e sua relação com o esforço de orientar a prática pedagógica. Apresenta diferentes perspectivas de análise do ensino, focalizando autores cujos trabalhos constituem o campo teórico dos estudos da Didática. Desse modo, oferece fundamentos para a formação intelectual básica do pedagogo e para o exame das questões educativas e dos desafios que a Educação vem enfrentando no contexto da sociedade contemporânea.</p>
Programa	<p>1. Teorizações sobre Educação. A produção de estudos sobre ensino: a Didática.</p> <p>2. As diferentes perspectivas de análise</p>

da relação pedagógica: os modelos teóricos.

2.1. Alain e a Pedagogia de dificuldade.

2.2. A Escola Nova (Montessori, Dewey, Decroly).

2.3. Celestin Freinet.

2.4. A não diretividade no ensino (Rogers - Lobrot).

2.5. Snyders e a Pedagogia dos conteúdos.

3. As implicações dos modelos teóricos sobre os conceitos no cotidiano de ação educativa.

Avaliação

Método

- Aulas expositivas;
- Leituras e discussões em grupo;
- Visitas a escolas para observação de propostas pedagógicas concretas.

Critério

- Os alunos serão avaliados pela apresentação de: duas fichas de leitura, relatório grupal de visita à escola e apreciação individual do conjunto do trabalho real

Norma de Recuperação

Bibliografia

AZANHA, José Mário Pires - Uma Reflexão sobre a Didática. 3º Seminário - A Didática em Questão. São Paulo, Atas, Volume I, 1985, pp. 24-32.

CANETTI, Elias. A Língua Absolvida. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CHARTIER, Emile (Alaín) - Reflexões sobre Educação, São . Paulo, Saraiva, 1978.

COMENIO, João Amos. Didática Magna. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

DEWEY, John. Vida e Educação. São Paulo, Nacional, s.d.

FREINET, Celestin. Técnicas Freinet de la Escuela Moderna. México, Siglo XXI, 1969. LOURENÇO

FILHO. Introdução ao Estudo da Escola Nova. São Paulo, Melhoramentos, sd.

NÓVOA, A. (org.) Vidas de Professores. Porto, Porto Editora, 1992.

PERRENOUD, Philippe. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1993.

ROGERS, Carl. Liberdade para aprender.

<https://sistemas.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=EDM0111&cod-cur=48012&codhab=203> São Paulo, Martins Fontes, 1973.

SCHEFFLER, Israel. A Linguagem da Educação. São Paulo, Saraiva - EDUSP, 1974.

SNYDERS, Georges. Para onde vão as Pedagogias não Diretivas. Lisboa, Moraes, 1974.

Anexo 4. Formulário de Plano de Disciplina

PLANO DE DISCIPLINA

Disciplina	_____
Curso	_____
Professor	_____
Responsável	_____
Semestre	_____
Pré-Requisitos	_____
Horário de aulas	_____
Local	_____
Atendimento aos alunos	_____
Objetivos da Disciplina	_____
Metodologia de Ensino	_____
Programa	_____
Critério de Avaliação	_____
Calendário de Atividades	_____
Bibliografia Recomendada	_____
Informações Adicionais	_____

Anexo 5. Seminário: Roteiro do Trabalho Escrito

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

FATEC – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

DAES - Departamento de Automação de Escritórios e Secretariado

Curso Gestão de Turismo

Disciplina: (MEPE I) Métodos para Produção do Conhecimento

Professora: Me. Margibel A. de Oliveira

TÍTULO DO TRABALHO:
SUBTÍTULO

Acadêmicos:

SÃO PAULO
2011

TÍTULO DO TRABALHO:
SUBTÍTULO

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia de São Paulo,
como requisito parcial para obtenção da nota semestral.

SÃO PAULO
2011

RESUMO

Este trabalho

Palavras-chave: no mínimo cinco palavras

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	INSERIR n.º de páginas, ex. veja abaixo
2. DESENVOLVIMENTO	6
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	7
REFERÊNCIAS	9

1. INTRODUÇÃO

MENCIONAR AQUI DO QUE SE TRATA O TRABALHO

1. DESENVOLVIMENTO

INSERIR AQUI O RESUMO DO CAPÍTULO - ESPAÇO SIMPLES –
ARIAL 12.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

2. REFERÊNCIAS

INSERIR TODOS OS DICIONÁRIOS – os livros consultados e o capítulo do livro que estão fazendo o resumo, dicionários, sites consultados etc.

Anexo 6. Instruções: debates

IES

Curso de Direito

Disciplina: Linguagem Jurídica

Professora: Margibel A. de Oliveira

Objetivos:

1. **Escolher** temas para debater; **dividir** a sala em grupos⁶ para que sejam debatedores em aulas posteriores;
2. **Desenvolver** pesquisa e resumo sobre o tema escolhido, individualmente;
3. **Apresentar** posicionamento crítico sobre o tema, por meio de texto **dissertativo escrito**;
4. **Confrontar** ideias, em debates, para desenvolver a prática oral em público.
5. **Etapa 1 - Antes do dia dos debates:**
6. Pesquisar sobre o tema (lei, doutrina, jurisprudência etc);
7. Elaborar resumos dos textos encontrados;
8. Elaborar um esquema do texto para o debate;
9. Elaborar e revisar o texto (veja formulário na página seguinte).

Etapa 2 - Procedimentos no dia dos debates:

1. Sorteio de duas duplas de debatedores por aula⁷;
2. Sorteio dos relatores (cada debatedor poderá ter 2 ou três relatores). Esses serão sorteados da plateia (veja formulário em branco para AVALIAÇÃO DO DEBATE, após o formulário do texto escrito);
3. Apresentação do tema da seguinte forma (válido para as duas duplas):
 - A dupla posiciona-se de frente para a turma;

⁶ Por exemplo, em uma sala com 48 alunos, divida a sala em 6 grupos. Escolha 3 temas diferentes, por exemplo: pena de morte, aborto etc. Grupo 1 – Pena de morte posicionamento favorável ao tema e Grupo 2 – Pena de morte contra o tema. Grupo 3 – Aborto – posicionamento favorável e Grupo 4 – Aborto contra o tema e assim por diante. É desejável fazer a escolha do tema com a turma e após fazer o sorteio entre os grupos.

⁷ Cabe ao docente decidir quantos dias terá disponível para a realização dos debates e quantos minutos por dupla será necessário

- O primeiro participante sorteado deverá apresentar a DEFESA do tema em 5 minutos, no máximo; a apresentação deverá ser feita em pé; os debatedores DEVERÃO usar traje forense;
 - Em seguida, o segundo participante também apresenta a DEFESA do tema em 5 minutos;
 - Após a apresentação dos dois primeiros participantes há um intervalo de 3 minutos, para que os defensores do mesmo posicionamento ajudem os debatedores na defesa de suas ideias;
 - Após o intervalo cada participante terá 3 minutos, cada um, para réplica e para tréplica.
4. Os relatores deverão entregar a avaliação logo após o término do debate⁸.
- Obs.:
- Os não-sorteados deverão entregar o texto escrito (veja formulário na página seguinte);
 - Em caso de não-comparecimento no dia do debate, não serão aceitos textos em aulas posteriores, salvo nos casos previstos, para justificativa de faltas, de acordo com o Regimento da IES.

Etapa 3: Em aula posterior ao dia da apresentação:

- Apresentação e comentários sobre os debates por parte do docente e comentários da turma.

FORMULÁRIO - TEXTO ESCRITO

IES _____

Curso de Direito

Disciplina: Linguagem Jurídica

Professora: Margibel A. de Oliveira

Acadêmico (a): _____ Nº _____

TEMA DO DEBATE: _____

⁸ O docente também faz o registro do posicionamento dos debatedores. Sugere-se usar o mesmo modelo de formulário dos relatores

Posicionamento em relação ao tema:

SIM () NÃO ()

Códigos que serão utilizados na correção:

- Falta de coesão e coerência na escrita;
- Improriedade na pontuação;
- Problemas com a ortografia ou acentuação;
- Utilização de língua coloquial ou gírias;
- Parágrafo incoerente;
- Significado da palavra que causa dupla interpretação;
- Fundamentação inadequada; 8- Posicionamento crítico incoerente;
- Texto com argumentação incoerente em relação ao tema;
- Outros problemas. Obs.: O texto deverá ser manuscrito.

FORMULÁRIO - AVALIAÇÃO DO DEBATE

IES _____

Curso de Direito

Disciplina: Linguagem Jurídica

Professora: Margibel A. de Oliveira

Campus:

DEBATEDOR (a):

TEMA DO DEBATE:

Posicionamento: SIM () NÃO ()

RELATOR (A):

1) Postura pessoal (utilização de gestos, interação com o público, impostação de voz etc)

2) Utilização do tempo:

3) Utilização da linguagem (níveis: culto, coloquial, gíria, técnico etc)

4) Fundamentação do tema (posicionamento crítico (in)coerente; texto-fonte com argumentação (in)coerente, resumo do texto (in)adequado etc)

TEMPO TOTAL:

RÉPLICA/ TRÉPLICA:

TEMPO TOTAL:



Rua Engº. Herbert, 135 - Rodoviários - Caratinga - MG
(33) 3062-9299 | 0800-590-1234